

A ocupação Pré-histórica do Cabeço de Caria Talaia (Sabugal, Portugal)

The prehistoric occupation of Cabeço de Caria Talaia, Sabugal (Portugal)

RAQUEL VILAÇA
Instituto de Arqueologia
Faculdade de Letras. CEAACP
Universidade de Coimbra (Portugal)
rvilaca@fl.uc.pt
<https://orcid.org/0000-0003-0019-7256>

MARCOS OSÓRIO
Município do Sabugal. CEAACP
arkmarcos@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4340-4614>

DIANA FERNANDES
Arqueóloga
Network Archaeology (Reino Unido)
dianaf@netarch.co.uk
<https://orcid.org/0000-0003-1000-3654>

CARLO BOTTAINI
HERCULES Laboratory
CityUMacau Chair in Sustainable Heritage
Universidade de Évora (Portugal)
carlo@uevora.pt
<https://orcid.org/0000-0003-2464-468X>

SOFIA SILVA
Arqueóloga
AXIS MUNDI - Heritage & Archaeology
(Portugal)
sofiaeirias22@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4601-0493>

Resumo

Neste artigo realizou-se uma abordagem à ocupação Pré-histórica do Cabeço de Caria Talaia, no concelho do Sabugal (Portugal). A intervenção arqueológica desenvolvida em 2008 e 2009 determinou a natureza e a cronologia dessa ocupação, de uma fase avançada entre o Bronze Médio e os inícios do Bronze Final. Apesar do mau estado de conservação das estruturas, os trabalhos permitiram assinalar um local de habitação e, entre os materiais recuperados, um significativo conjunto de cerâmicas, mas também elas bastante fragmentadas, cujas formas e motivos decorativos se inserem na tradição das produções de proto-Cogotas e Cogotas I. Com base nestes conceitos, analisam-se e discutem-se detalhes sobre a sua posição geográfica e a sua relação com o território, procurando compreender o seu enquadramento na Beira Interior, no limite mais ocidental da Meseta e, conseqüentemente, na periferia do complexo mundo de Cogotas I.

Palavras-chave: Idade do Bronze, Beira Interior (Portugal), Alto Côa, cerâmicas, Proto-Cogotas, Cogotas I

Abstract

This paper presents evidence for the prehistoric occupation of Cabeço de Caria Talaia, Sabugal (Portugal). Despite the poor preservation of the structures and its artefacts, the archaeological intervention conducted in 2008 and 2009 allowed to define its inhabitation at an advanced phase between the Middle Bronze Age and the beginning of the Late Bronze Age. Furthermore, a significant set of ceramics allowed to integrate this site as part of the tradition of proto-Cogotas and Cogotas I productions, located at the westernmost edge of the Meseta and, consequently, on the periphery of the complex world of Cogotas I.

Key words: Bronze Age, Beira Interior (Portugal), Alto Côa, ceramic, Proto-Cogotas, Cogotas I

1. Apresentação

O Cabeço de Caria Talaia, Caria Atalaia, ou Senhora das Preces é conhecido na bibliografia arqueológica portuguesa desde há mais de um século, através da rubrica «Aquisições do Museu Etnológico Português», na qual se refere «Julho 1910: [...] O Sr. Dr. Joaquim Manuel Correia ofereceu um fragmento de machado de bronze de Caria da Atalaia, Sabugal» (C.L., 1913: 139).

É a este sabugalense, natural da freguesia de Ruvina, que se deve também a compilação das primeiras notícias sobre a arqueologia da região do Sabugal inseridas, juntamente com muitas outras e mais substanciais informações de carácter histórico e etnográfico, na única monografia dedicada ao concelho, cuja primeira edição remonta a 1946, o ano seguinte ao do seu falecimento, embora estivesse praticamente preparada desde 1905. Tendo-se correspondido com Leite de Vasconcelos, pelo menos entre 1897 e 1936, de que se conservam 74 espécies de documentos, entre cartões de visita, postais e cartas, o monógrafo admitiu igualmente ter existido um castro no Cabeço de Caria Talaia, que chega a desenhar (figura 1), referindo-se de igual modo ao fragmento de machado mencionado *supra* (Correia, 1946: 237).

Infelizmente, o machado em causa é de tipologia desconhecida, não tendo sido possível localizá-lo no Museu Nacional de Arqueologia (registo no livro de entradas com o n.º E3078), onde deverá encontrar-se (Vilaça, 1995: 85). Desconhecido é também o seu contexto e circunstâncias precisas de achado, sabendo-se apenas que foi encontrado pelo dono do terreno, o Sr. José Pires, juntamente com uma moeda de Afonso IX de Leão (Correia, 1946: 237). A este achado refere-se o autor em postal não datado (carimbo dos correios de 8/03/1908) endereçado a Leite de Vasconcelos [Doc. 5646], o que, cruzando a informação, nos permite dizer que terá sido em data anterior a 1908 que também foi encontrado o fragmento de machado.

Além da ocupação pré-histórica, igualmente denunciada por material existente à superfície do terreno, como pequenos fragmentos cerâmicos e um elemento de mó de tipo vaivém (Osório, 2005: 37), Caria Talaia foi importante sobretudo em Época Medieval (Correia, 1906; 1946: 236-237), período a que correspondem os testemunhos mais relevantes e visíveis, como os restos da muralha de granito de aparelho isódomo, o que se confirmou durante a intervenção arqueológica que esteve na base deste texto.

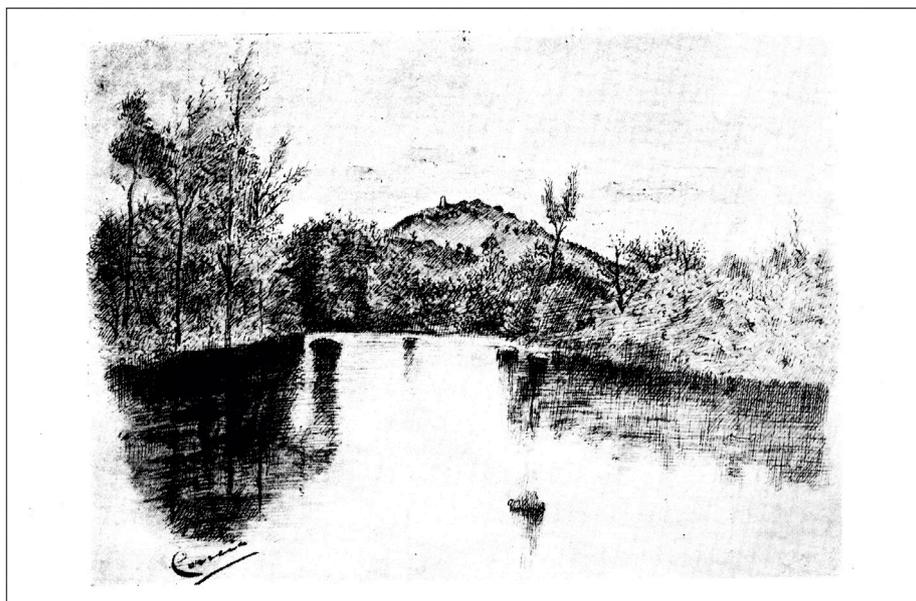


Figura 1. Desenho à pena de Joaquim Manuel Correia (1945: fig. 29), observando-se ao fundo o cabeço de Caria Talaia e, em primeiro plano, um açude do rio Côa

Figure 1. Hand-drawn illustration from Joaquim Manuel Correia (1945: fig. 29) displaying the Caria Talaia hill and the Côa river landscape

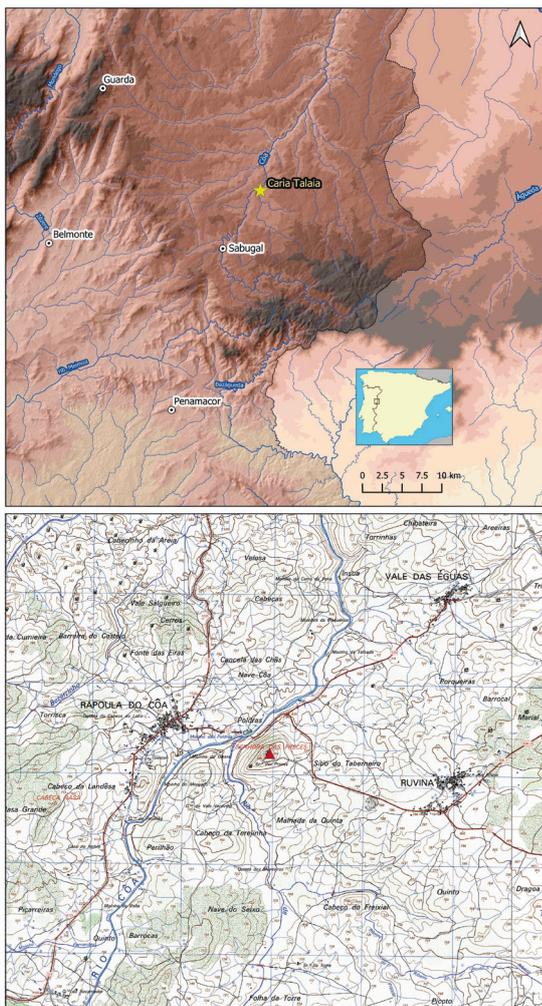


Figura 2. Localização geográfica de Caria Talaia na Península Ibérica (extremo ocidental da Meseta) e na *Carta Militar de Portugal*, 1: 25.000, fl. 215, Adão (Guarda)

Figure 2. Geographical location of Caria Talaia within the westernmost limit of the Iberian Meseta and on topographical military map of Portugal, 1: 25.000, fl. 215, Adão (Guarda)

Esta, desenvolvida em 2008 e 2009 e resultante de uma parceria entre a Câmara Municipal do Sabugal, através do seu Gabinete de Arqueologia, e o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pretendeu caracterizar os vestígios arqueológicos existentes, quanto à sua natureza e cronologia, e articulou-se com o projecto da Junta de Freguesia de Ruvina de reabilitação do largo da capela da Senhora das Preces, localizada na encosta meridional do cabeço.

Já depois dessa intervenção, em 2018 e como medida compensatória dos danos infligidos pela instalação não autorizada pela Direção Regional de

Cultura do Centro de uma antena de telecomunicações na parte central do relevo, foi realizada uma intervenção arqueológica de emergência, dirigida por Filipe Pina. As escavações cingiram-se a duas sondagens, cada uma com 4 m² de área aberta, que providenciaram mais alguma informação, porém pouco significativa em relação à ocupação mais antiga de Caria Talaia (Pina, 2017).

Este texto tem como objectivo de fundo dar a conhecer e caracterizar os resultados da ocupação pré-histórica deste sítio, que se enquadra na Idade do Bronze, discutindo-os no quadro do respectivo povoamento regional. Da ocupação medieval encontra-se já disponibilizada publicação com os dados mais relevantes (Osório, 2010), estando em curso trabalho de maior fôlego relativo ao sistema defensivo.

2. Localização e sua envolvimento

Situado na área mais ocidental da Meseta e apenas a 16 km da fronteira com Espanha (figura 2), o cabeço de Caria Talaia pertence à freguesia da Ruvina, concelho do Sabugal, distrito da Guarda. As coordenadas geográficas decimais WGS 84 são: 40.41813/-7.03367. O acesso à estação arqueológica faz-se a partir da estrada municipal 536-2 e depois por caminho de terra batida que leva até à capela.

O monte, que atinge 794 m de altitude, corresponde a destacado relevo de constituição granítica e potente filão quartzítico que o atravessa, segundo a orientação NNE/SSW (*Carta Geológica de Portugal*, 1:50 000, fl. 18C, Guarda, 1963). Superficialmente pontuam múltiplos afloramentos conferindo ao sítio e região envolvente essa face tão peculiar, e rude, do interior beirão. Coloca-se sobranceiro à margem direita do rio Côa, num dos seus melhores pontos de travessia a vau desde tempos remotos, em toda a região (figura 3). Do seu topo obtém-se, num ângulo de 360°, um formidável domínio da paisagem envolvente, domínio que não pode ter deixado de constituir um importante factor apelativo à ocupação antiga do sítio, a pré-histórica e a histórica.

Os vestígios arqueológicos distribuem-se pela cumeeada e vertentes nascente e meridional do



Figura 3. Cabeço de Caria Talaia visto de nascente, observando-se em primeiro plano o rio Côa e a várzea da sua margem esquerda
Figure 3. East perspective of the Cabeço de Caria Talaia, the Côa River and its floodplains

cabeço. A construção da capela, que datará de Época Moderna, embora possa ter tido origem medieval¹, e o caminho rasgado de acesso, provocaram diversos remeximentos e alterações na encosta sul. É aí que se verifica a maior transformação da topografia do terreno, com testemunhos arqueológicos destruídos, tendo os danos sido ampliados com a construção mais recente de socalcos agrícolas e de

trabalhos de exploração mineira, estes registados em documentação camarária, com a primeira concessão datada de 1907, para exploração de cobre, e nas décadas seguintes para urânio, quartzo e feldspato (*Livros de Registo de Minas, 1873-1985*. Livro 7, Câmara Municipal do Sabugal), sendo visíveis ainda hoje alguns veios de mineração e blocos soltos com mineralizações de cor verde.

¹ Na listagem das igrejas de Riba-Côa do bispado de Ciudad Rodrigo (1320-21) é referida uma *Igreja de Santa Maria de Caria Talaya* (Castro, 1902: 511). Nas *Memórias Paroquiais* de 1758 vem igualmente referida a capela da «Senhoras das Pressas» no alto do cabeço de *Queria Atalaia (sic)*. Diz-se também que a capela da Senhora das Preces foi construída com pedra da própria muralha (Correia, 1946: 236).

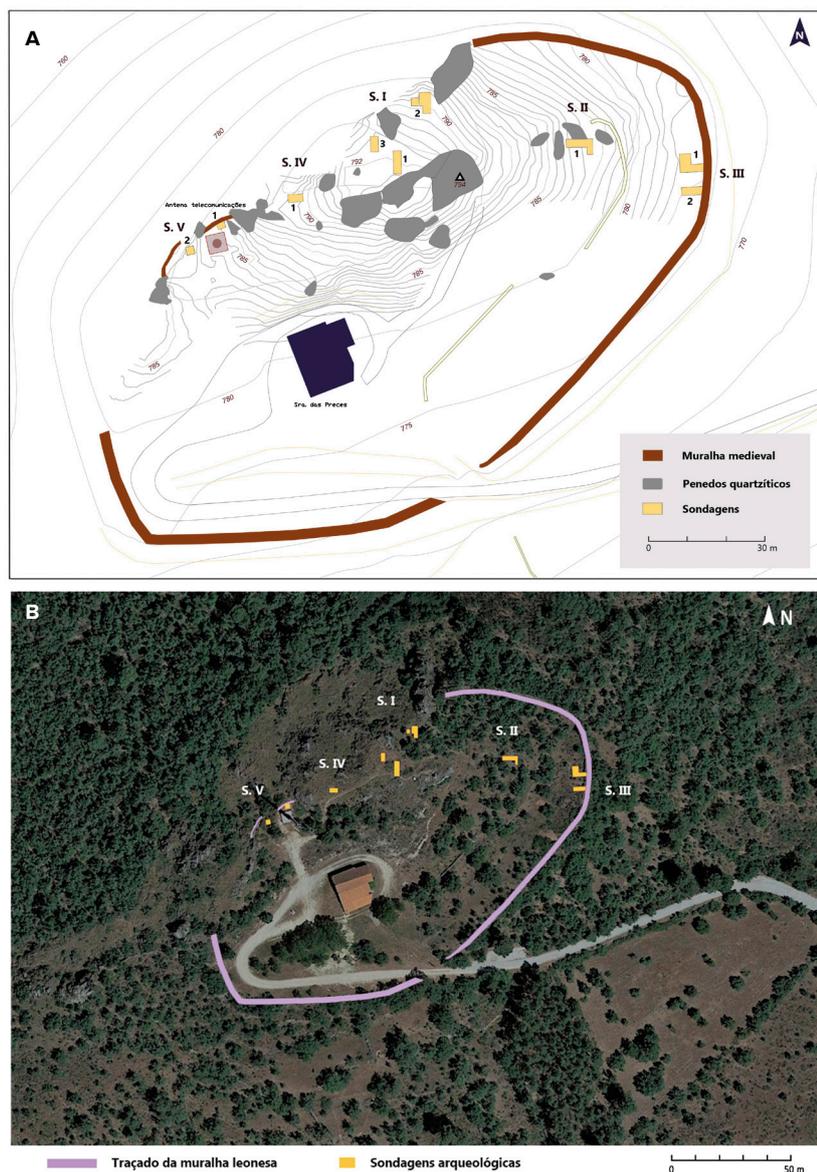


Figura 4. Planta topográfica com a localização da capela, da muralha medieval e dos sectores intervencionados entre 2008-2009 e 2018 (A) e fotografia aérea do sítio (B)

Figure 4. Topographic plan (A) and aerial photography (B) of Caria Talaia hill displaying its chapel, medieval wall and the intervention areas from 2008-2009 and 2018

3. Trabalhos realizados

Como referimos, os trabalhos de campo em apreço decorreram em 2008 e 2009, tendo sido as intervenções conduzidas pela abertura de diversas sondagens de diagnóstico, de dimensão variada, em pontos seleccionados.

Criaram-se então quatro sectores localizados em diferentes plataformas com áreas diferenciadas e com distribuição altimétrica igualmente variável (figura 4).

Cedo se verificou ser limitado o potencial estratigráfico dos sectores I, II e IV, situação devida, sobretudo, à erosão natural do terreno, mas também à intensa actividade agrícola a que foi sujeito em distintas épocas. Pelo contrário, no sector III, a criação de uma plataforma artificial para terrenos de cultivo, aproveitando a existência da ruína da muralha a contornar a curva de nível, formou um espaço de elevado enchimento estratigráfico, embora remexido. O sector II foi o único que não forneceu materiais de cronologia pré-histórica.



Figura 5. A. Fotografia parcial da sondagem 2 do Sector I em fase de escavação, junto ao rebordo antes do declive da vertente, observando-se o amplo controlo visual no sentido norte. B. Pormenor da mesma sondagem (plano 3), observando-se à direita o grande dormente

Figure 5. A. Trench 2, Sector I, overview and its visual control over the northern territory. B. Plan 3 of the same trench displaying a large quern stone

3.1. Sectores I e IV

Estes sectores localizam-se a norte da capela, ocupando uma área de cerca de 50 × 25 m de extensão. Trata-se da zona mais elevada do cabeço, destacando-se a pequena plataforma onde se encontra implantado o marco geodésico. Esta plataforma ganha

inclinação no sentido norte até ao limite do seu rebordo, antes de a vertente cair a pique. Naquela foram implantadas as sondagens 1 e 3 do sector I e junto ao rebordo abriu-se a sondagem 2 deste mesmo sector. A poente e um pouco mais afastado, numa área de suave declive, localiza-se o sector IV onde se realizou uma sondagem (figura 4).

Com excepção da sondagem 2 do sector I, que merecerá tratamento à parte, as demais sondagens destes dois sectores permitem, em função dos resultados, similares e de interesse pouco relevante, uma abordagem conjunta.

Sector I, sondagens 1 e 3 e Sector IV, sondagem 1

Nas sondagens 1 (12 m²) e 3 (8 m²) do sector I e sondagem 1 (8 m²) do sector IV verificou-se que o potencial estratigráfico era muito reduzido, limitando-se a um estrato superficial (UE₁) de terra castanha acinzentada, pouco humosa, e um outro de terra amarelada e arenosa (UE₂) assente directamente na base natural saibrosa ou de afloramento. Em nenhuma das situações referidas existiam estruturas, sendo igualmente muito escassos os materiais. Foram estudados 14 fragmentos cerâmicos, todos de fabrico manual, dos quais 12 são bordos, convexos e planos, e 2 pegas. Os líticos resumem-se a um elemento denticulado de foice.

A situação encontrada reflecte a forte erosão a que esta zona esteve sujeita, seja na sequência de factores naturais, seja resultante da acção humana no quadro de actividades agrícolas desenvolvidas ao longo dos tempos, ou em virtude de ambas.

Sector I, sondagem 2

A sondagem 2 do sector I, implantada junto do rebordo setentrional da plataforma superior, como referido, e ladeada por dois grandes núcleos de afloramentos quartzíticos que protegem essa zona, revelou os dados de maior interesse da ocupação pré-histórica de Caria Talaia (figura 5A).

Foi aberta uma área de 20 m², tendo-se observado uma estratigrafia relativamente simples registada em dois cortes transversais (figuras 6 e 7). O perfil no sentido norte-sul (corte B-B'), que atinge o limite da sondagem junto ao rebordo do terreno (início das quadrículas D/E-12), demonstra a inclinação deste, com um desnível de cota de cerca de 90 cm. A profundidade máxima atingida em toda a área escavada foi de 55 cm. Do topo para a base, a estratigrafia definia-se do seguinte modo:

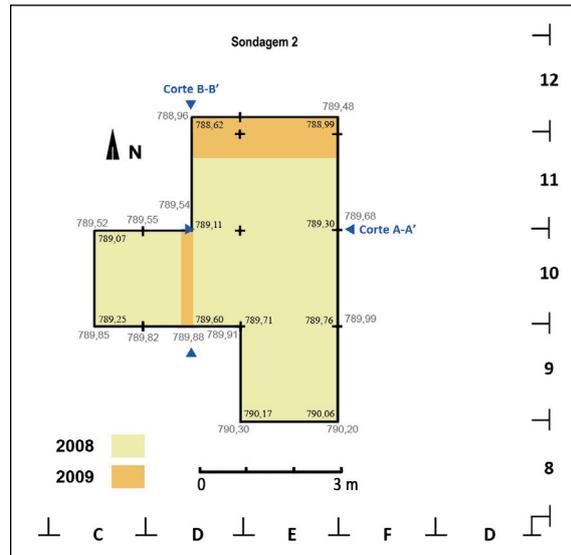


Figura 6. Planta da sondagem 2 do Sector I com cortes sinalizados

Figure 6. Drawing plan of Trench 2, Sector I, with signalled sections

Um estrato superficial (UE₁), de terra castanha acinzentada, humosa e pouco compacta, com escassos materiais cerâmicos, num total de 15 fragmentos, dos quais 10 são bordos planos e convexos, 2 são asas de fita e 3 são bojos (um com mamilo e outro com penteado horizontal). Um estrato de abandono (UE₂), de terra castanha clara, semi-compacta, com algum cascalho e diversos materiais cerâmicos e líticos. Deste estrato foram estudados 27 fragmentos: 23 bordos convexos, planos e oblíquos, 1 bojo com carena, 1 fundo plano, 2 pegas e 1 ficha; 3 dos bordos são decorados com incisões no lábio. Os líticos correspondem a 1 peso sobre seixo e a 1 fragmento de lâmina. Vestígios de um nível de ocupação (UE₃) constituído por terra castanha escura, compacta, pedras de médio e pequeno porte correspondentes a restos de frustres estruturas pétreas, associados a materiais cerâmicos e líticos, estando alguns daqueles partidos *in situ* (em particular nas quadrículas D/E-II). A cerâmica estudada totaliza 123 fragmentos (27 decorados), dos quais 90 são bordos, 1 arranque de asa, 10 bojos (um com asa em fita), 19 fundos, 1 pega, 2 mamilos com perfuração vertical. Os líticos correspondem a 3 pesos, 1 movente, 1 lasca, 1 conta de colar e 1 pendente. Recolheu-se ainda 1 fragmento de bronze disforme. Nas quadrículas D/E-II, na área da terra castanha escura, detectaram-se manchas

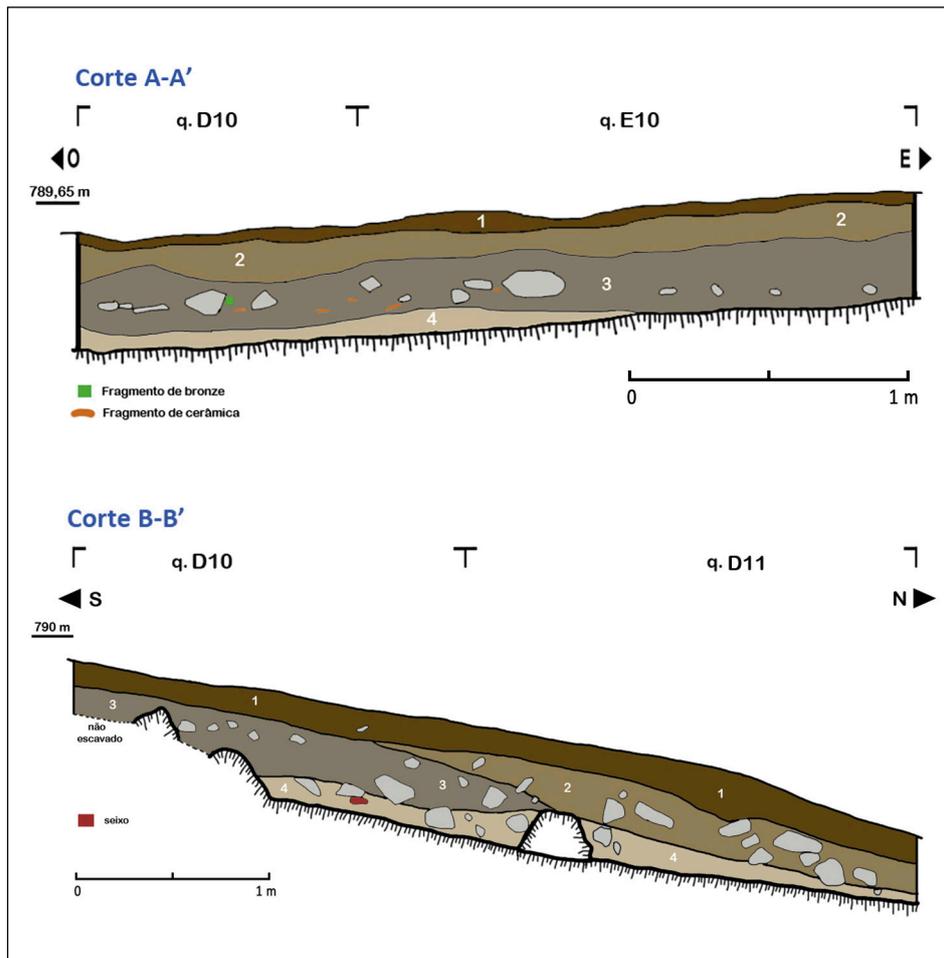


Figura 7. Cortes estratigráficos da sondagem 2 do Sector I

Figure 7. Stratigraphical sections from trench 2, Sector I

acinzentadas (UE₄) entre a concentração de pedras, nas quais se encontravam 2 elementos de mó (dormentes) e materiais cerâmicos (dos quais 4 são bordos), correspondendo a vestígios da base do nível de assentamento relacionado com a utilização das estruturas. Subjacente a este nível definia-se um outro (UE₅) de terra de tom castanho claro, algo granulosa e com características saibrosas na sua base, que assentava directamente no estrato natural saibroso ou no afloramento granítico (E-9/10 quadrículas), praticamente estéril. Em toda a área foi atingido o estrato natural (UE₆) de natureza saibrosa ou o afloramento granítico.

A escavação permitiu identificar nas quadrículas D/E-10/11 vestígios de um nível de ocupação com pedras e materiais *in situ*, designadamente cerâmica em conexão (UE₃ e UE₄). Mas do processo de sedimentação e pós-deposicional resultaram

também migrações verticais e horizontais denunciadas por fragmentos dispersos pertencentes aos mesmos recipientes.

Como se observa na figura 8, não é possível definir qualquer estrutura explícita, embora seja perceptível o rasto de alguns alinhamentos convergindo para uma mancha de configuração tendencialmente subcircular onde se concentrava abundante material cerâmico e alguns líticos. A cerca de 1 m para sudeste (E-10), intuiu-se uma outra estrutura formada por pequenas pedras. Aprofundando a área, verificou-se que, em particular nas quadrículas D/E-11 e início da E-12, as pedras, sem qualquer tipo de ligante, tal como aquelas, adensavam formando uma estrutura mais compacta e coesa (figuras 5B e 9).

Este nível possuía elevada concentração de carvões de que se seleccionou uma amostra para datação pelo Carbono 14, cujo resultado, porém, não

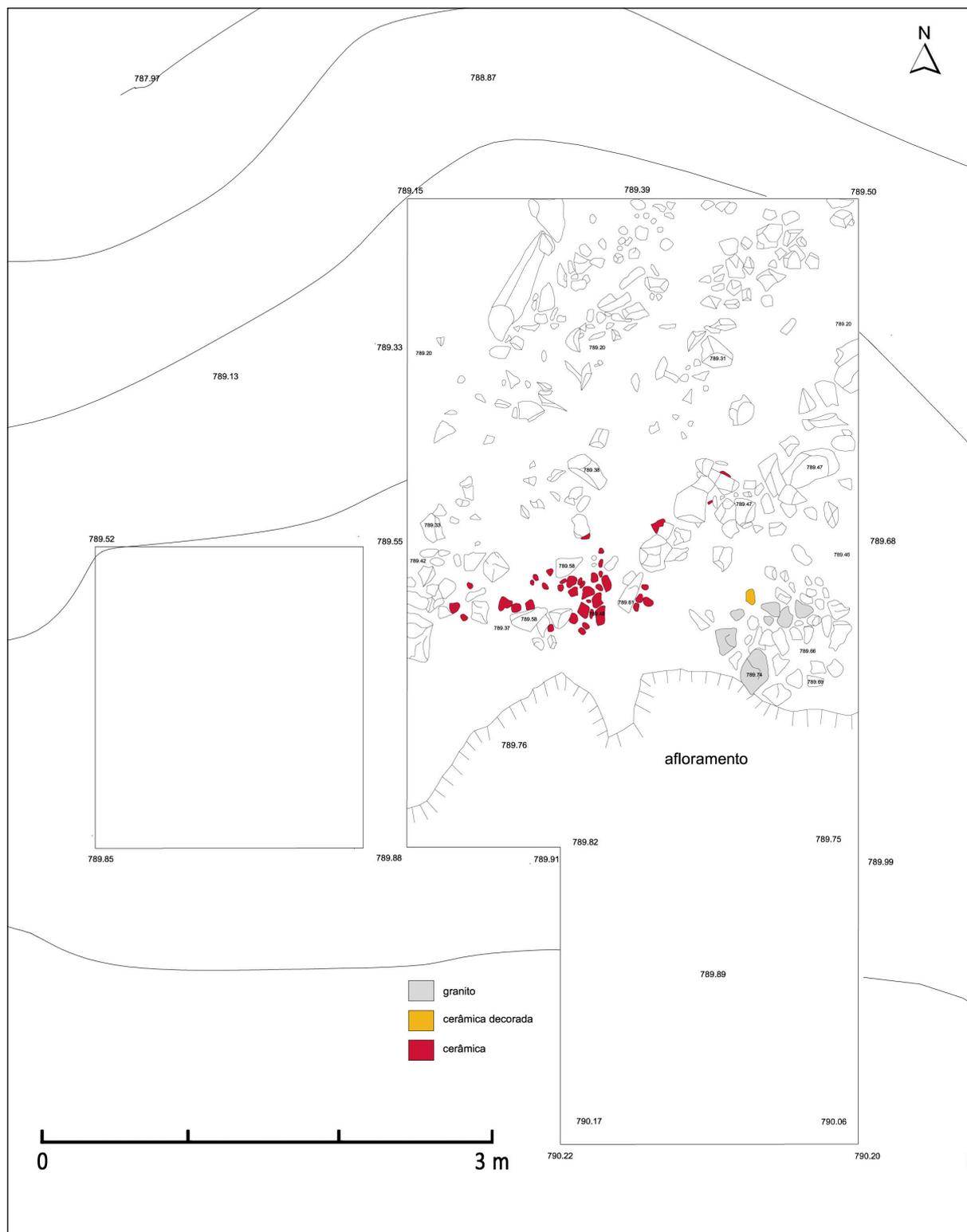


Figura 8. Planta da sondagem 2 do Sector I (plano 2)

Figure 8. Drawing plan 2 of trench 2, Sector I

apresenta consonância com os materiais arqueológicos. Tem a referência Beta-351398: 2340±30 BP (com a calibração a 2 sigma obteve-se o resultado cal BC 419-380). Não se tendo verificado qualquer acidente em contexto laboratorial, este resultado poderá dever-se à infiltração de elementos carbonosos ou outros que poderão ter contaminado a amostra e que a escavação não conseguiu identificar.

Se, em termos funcionais, não é possível atribuir um sentido inequívoco aos vestígios descritos, parece ser indiscutível que aquele pequeno espaço da plataforma superior do cabeço, mesmo na sua periferia (a sondagem estendeu-se até ao limite possível), foi intencionalmente ocupado. Ainda assim, tais vestígios corresponderão, muito provavelmente, à base de assentamento de uma estrutura de carácter habitacional, onde se conservavam alguns elementos relacionados com actividades diárias de manutenção, como testemunham o grande dormente (figura 5B) e outros materiais líticos, designadamente de moagem.

Assinale-se também que é essa a zona de maior concentração de cerâmica e, muito em concreto, a única área deste sector e de todo o povoado onde estão presentes cerâmicas decoradas de expressivo valor informativo, com motivos em espiga e incrustações de pasta branca, como se verá.

Ademais, tratando-se de uma área periférica face ao presumível núcleo do povoado, parece evidente que a escolha deste ponto específico da plataforma situado no rebordo máximo possível com condições de segurança, antes da vertente cair a pique, terá obedecido a alguma motivação ponderosa, de ordem mais pragmática ou simbólica. Desse ponto preciso controla-se visualmente o troço do rio Còa, que bordeja a base do cabeço e as férteis várzeas adjacentes, bem como o território no sentido norte (figura 5A).

3.2. Sector III

Neste sector a área aberta totalizou 30 m², encontrando-se já publicada a sua sequência ocupacional (Osório, 2010).

O nível de ocupação pré-histórica foi identificado nas sondagens 1 (UE11) e 2 (UE7) do lado exterior do muro de edifício medieval, sendo definido

por um estrato de terra castanha clara, muito compacta e pisada, medianamente fina, assente sobre o nível saibroso, com algumas pedras provenientes da desagregação do substrato rochoso. Esta unidade estendia-se ao longo de 4 m, nas duas sondagens abertas, e encontrava-se pouco remexida, sob os níveis de ocupação medieval, revelando algum material cerâmico de fabrico manual. Poderá ter constituído um nível de circulação, a oeste do edifício, a uma cota mais elevada que o interior da construção.

Portanto, não se tratava de materiais de escorrimto da encosta ou de níveis revolvidos pelas acções de construção da muralha e do edifício medieval, mas de realidades pré-existentes, dado que alguns dos fragmentos foram encontrados com fracturação *in situ*. Já em níveis remexidos foram recolhidos um movente e uma enxó. Só com o alargamento da área escavada se poderia confirmar a extensão e a natureza mais precisa da ocupação pré-histórica nesta encosta nascente de Caria Talaia.

4. Componentes artefactuais

Na sua totalidade o inventário dos materiais correspondentes às duas fases de ocupação do cabeço de Caria Talaia — a pré-histórica e a medieval — regista 2 794 entradas (Osório e Vilaça, 2012). Interessam neste trabalho os que testemunham a primeira ocupação, sendo de destacar a cerâmica pela informação mais consistente que proporciona e, muito em particular, a que provém do sector I, sondagem 2. Embora também presentes, mas escassamente representados, contam-se alguns materiais líticos e apenas um fragmento metálico pré-histórico.

4.1. Recipientes cerâmicos

Em relação ao universo ceramológico, e como denominador comum, verifica-se a sua acentuada fragmentação, o que constituiu um importante constrangimento no estudo, em concreto na vertente morfológica, tornando múltiplos fragmentos inclassificáveis: não se conhece qualquer exemplar completo e só em dois casos é admissível uma reconstituição do perfil das peças com alguma segurança. Mais sugestivas são determinadas

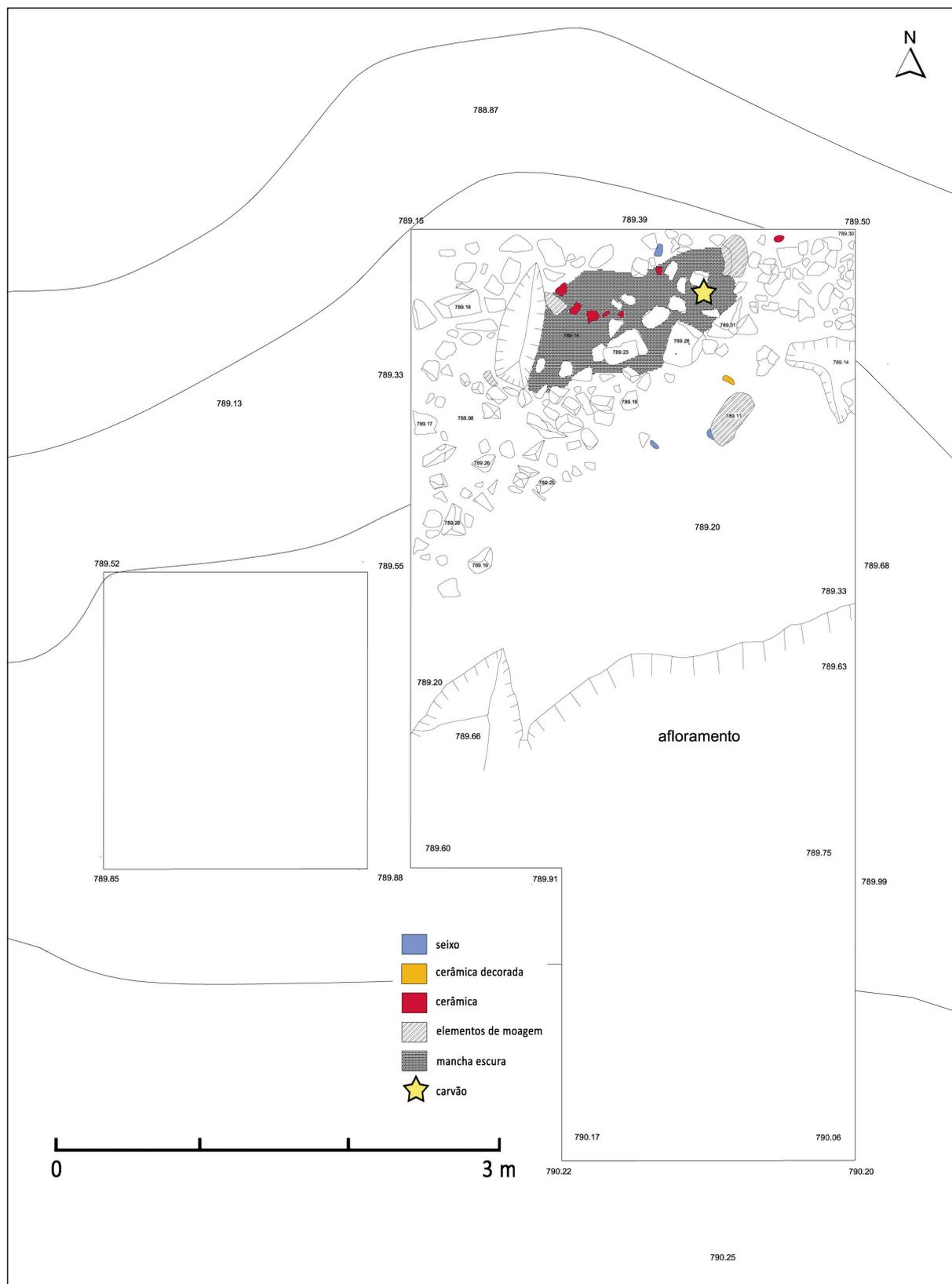


Figura 9. Planta da sondagem 2 do Sector I (plano 3), com os elementos arqueológicos identificados

Figure 9. Drawing plan 3 of trench 2, Sector I, detailing the archaeological features

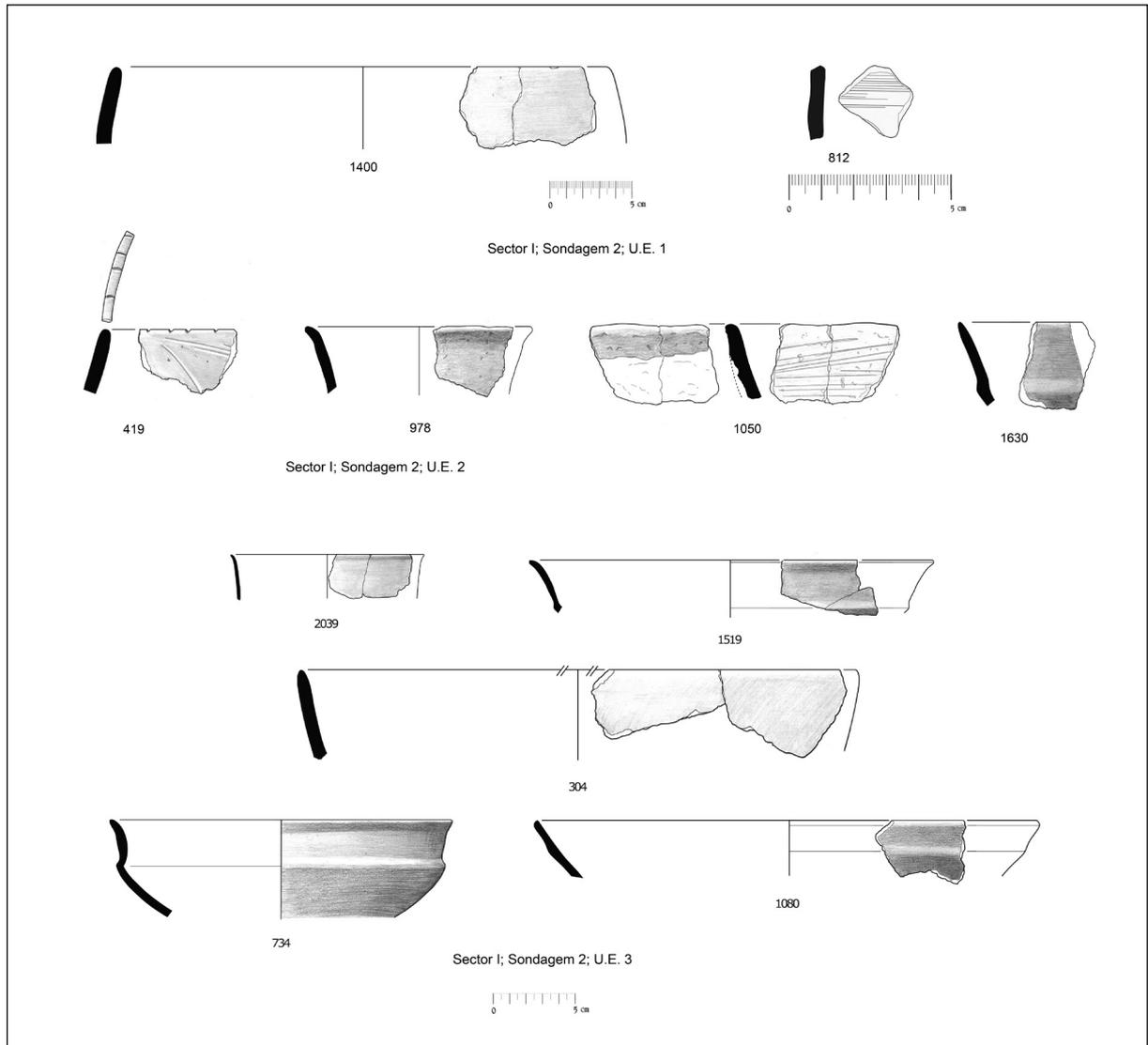


Figura 10. Sector I, sondagem 2: cerâmicas

Figure 10. Sector I, trench 2: pottery

técnicas e motivos decorativos, embora também com limitações ao nível da leitura das organizações decorativas, os quais nos transportam, em termos estilísticos, para o mundo meseteno em torno de Cogotas I.

O estudo baseou-se numa amostra seleccionada e graficamente registada por alguns exemplares, representativa de uma realidade que se ajustou aos objectivos da caracterização crono-cultural da ocupação mais antiga. Após análise prévia, escolheram-se para estudo 212 fragmentos provenientes dos sectores I e III, sendo a maioria do primeiro, com 205 registos, e em especial da sondagem 2, que conta com 188 fragmentos; da sondagem 3 estudaram-se 17 fragmentos e da sondagem 1 apenas 1 elemento.

A análise técnico-morfológica traduz-se em produções de fabricos maioritariamente medianos e com cozeduras quase sempre redutoras, efectuadas sem controlo sobre a entrada de oxigénio na estrutura de combustão e tornando irregular a coloração das superfícies das peças. Predominam as superfícies de tom acinzentado e castanho-acinzentado. Entre os tipos de fabrico importa referir a existência de uma minoria de peças (duas dezenas de fragmentos) de fabrico fino caracterizadas por possuírem e.n.p. de pequeno calibre (< 5 mm), muito bem distribuídos, constituídos por elementos de natureza mineral (quartzos, feldspatos e micas); as pastas são muito duras e compactas. Um dos recipientes (figura 13-1425) distingue-se

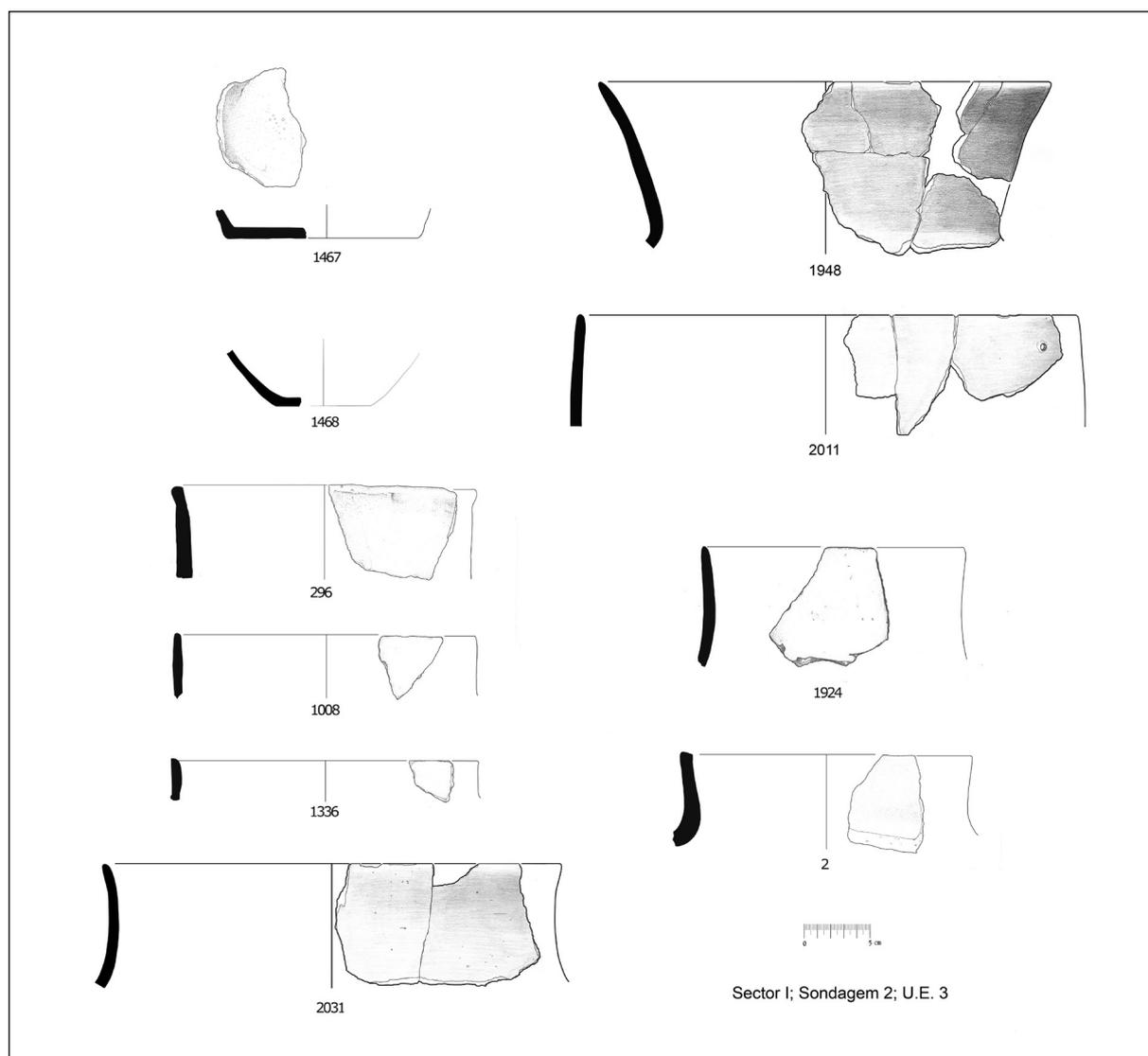


Figura 11. Sector I, sondagem 2: cerâmicas

Figure 11. Sector I, trench 2: pottery

dos demais por estas características técnicas assumirem um elevado grau de depuração, único em todo o universo ceramológico em apreço. Trata-se de uma peça manifestamente intrusiva de um ponto de vista técnico, o que, aliado à sua forma e decoração, concorre no sentido de corresponder a peça importada (*vide infra*). A maioria dos acabamentos corresponde a superfícies alisadas, estando também presentes alguns polidos, ou muito polidos, neste caso sempre associados a fabricos mais finos, os quais também podem possuir um acabamento interno com espatulados brunidos; as superfícies rugosas e *cepilladas* são escassas e encontram-se em peças de fabrico mais grosseiro.

A classificação morfológica identificou a existência de 151 bordos, o valor mais elevado da amostra (seleccionada, recorde-se), seguido dos bojos, representados por 30 exemplares, e dos fundos que contam com 21 elementos. Estes são todos planos, sem espessamento, com arranque de paredes rectilíneas ou convexas (figura 11-1467, 1468). Por fim, os elementos de suspensão, representados por 10 fragmentos, englobam 6 pegas, 2 asas de fita, 1 arranque de asa e 1 mamilo perfurado (figuras 12-735; 15-1762). É de destacar uma das asas em fita, particularmente elegante, com a extremidade inferior terminando em pequena lingueta subcircular espalmada e possuindo na zona superior três sulcos incisivos verticais

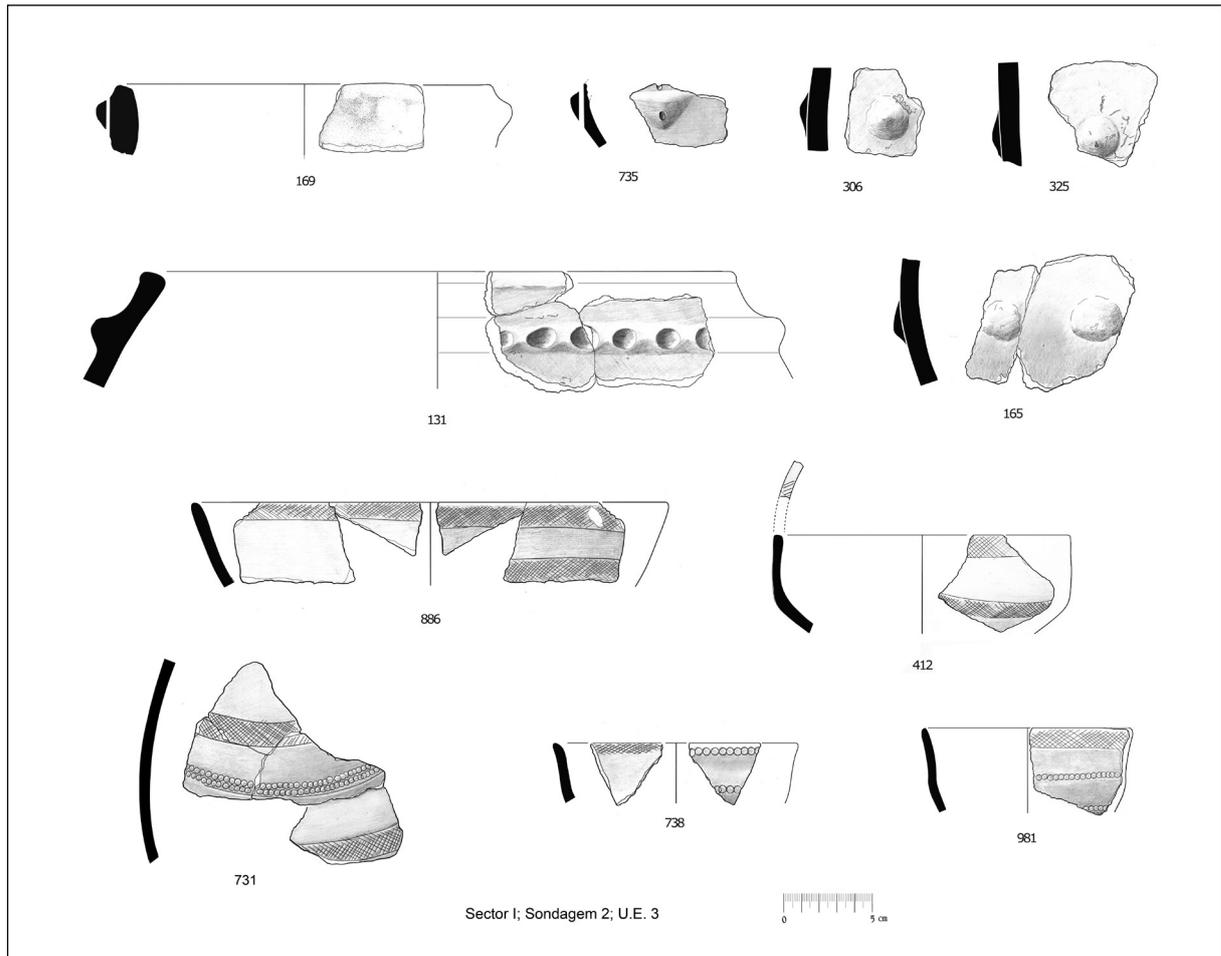


Figura 12. Sector I, sondagem 2: cerâmicas

Figure 12. Sector I, trench 2: pottery

e paralelos entre si (figura 14-982). De acordo com o estudo, a proporção entre as formas de perfil aberto e de perfil fechado é bastante equilibrada, predominando as de corpo simples ou com inflexões, mais ou menos ligeiras e de dimensão variável.

As formas

Tendo presente os condicionalismos antes referidos, que dificultaram o estudo tipológico, sistematizámos os recipientes em seis grandes categorias formais, onde é possível encontrar variantes: 1) taças carenadas; 2) taças e tigelas; 3) recipientes de perfil tronco-cónico invertido; 4) globulares; 5) potes em forma de saco; 6) potes de perfil em S (figura 16A).

As *taças carenadas* integram fabricos finos e medianos possuindo carenas médias e altas, em geral pouco pronunciadas. Os bordos, de paredes côncavas,

terminam em lábios convexos ou biselados e o corpo abaixo da carena é por norma tendencialmente rectilíneo (figura 10-734, 1080, 1519, 1630). Todos os exemplares observados são lisos, registando-se apenas um que possui mamilo funcional perfurado verticalmente disposto sobre a linha da carena (figura 12-735).

As *taças e tigelas*, que reúnem um universo formal diverso, são de fabrico fino e mediano, estando representadas por pequenos e médios recipientes abertos de paredes côncavas, ou possuindo perfis algo sinuosos, com bordos evertidos ou verticais. As decorações estão presentes, designadamente em ambas as superfícies das peças e também no lábio (figura 12-738, 886, 981).

Os *recipientes de perfil tronco-cónico invertido* correspondem a formas abertas de média dimensão, com bordos evertidos, podendo apresentar pronunciado estrangulamento na extremidade do bordo junto ao lábio. Os fabricos são finos e medianos, apresentando

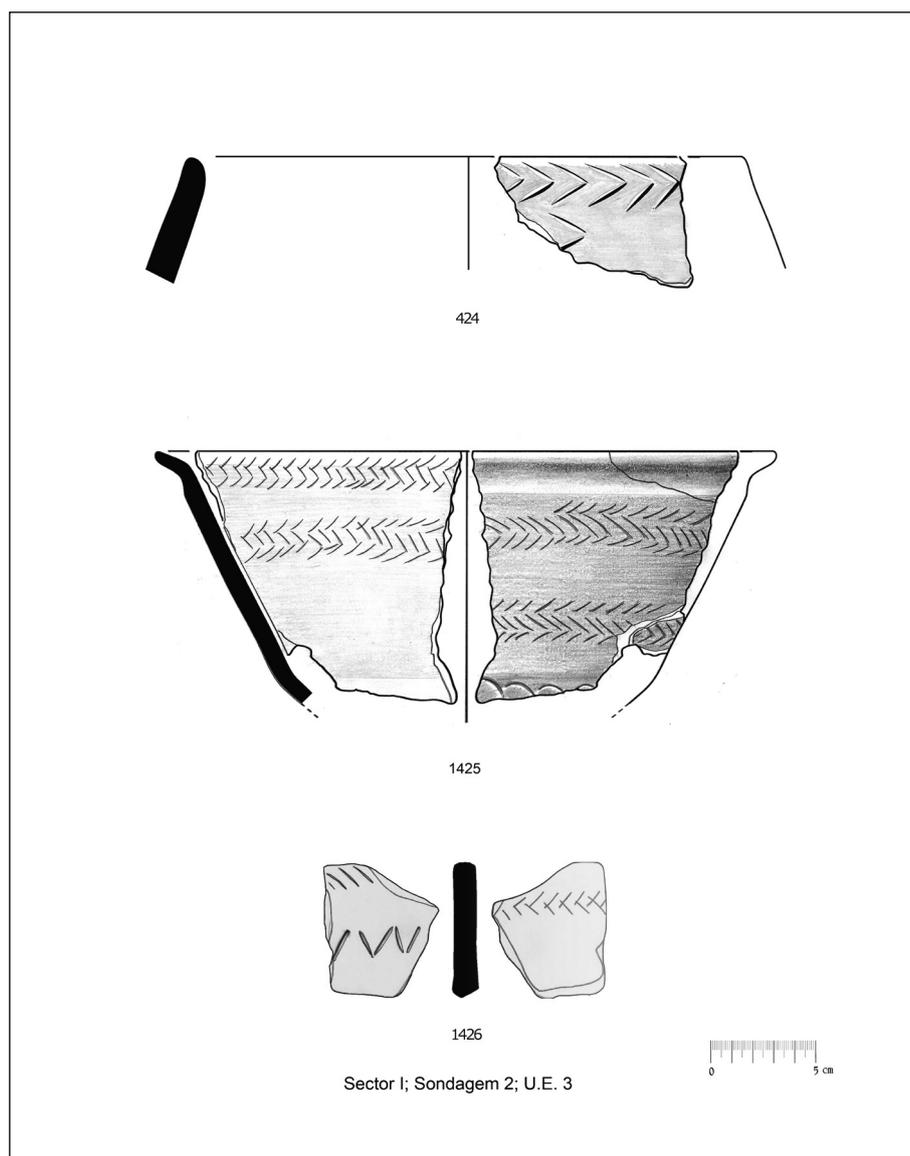


Figura 13. Sector I, sondagem 2: cerâmicas

Figure 13. Sector I, trench 2: pottery

superfícies alisadas ou polidas. É neste grupo, num total de 4 exemplares, que se integram os fabricos mais depurados. Estão presentes peças lisas e com decoração em ambas as superfícies (figuras 10-978; 13-1425; 15-1735).

Os *globulares*, escassamente representados, correspondem a exemplares de fabrico mediano, de superfícies alisadas, com lábios convexos e corpo subsférico. Não se registam exemplares decorados (figura 10-1400).

Os *potes em forma de sacco* integram formas fechadas de dimensão variada, sempre de fabrico mediano, caracterizadas por possuírem colos apenas insinuados; o corpo é tendencialmente ovoide. A decoração

pode ocorrer nos lábios e na parte superior do bordo (figuras 10-419; 12-131).

Os *potes de perfil em S* têm fabrico mediano ou grosseiro, possuem bordos verticais ou evertidos, com colos rectos ou convexos e bem individualizados dos corpos. Os fundos são planos. Entre as várias formas definidas são a que apresenta maiores dimensões e capacidade volumétrica.

As decorações

Identificaram-se 44 fragmentos decorados (20,75 %) do total de elementos seleccionados para estudo (212),

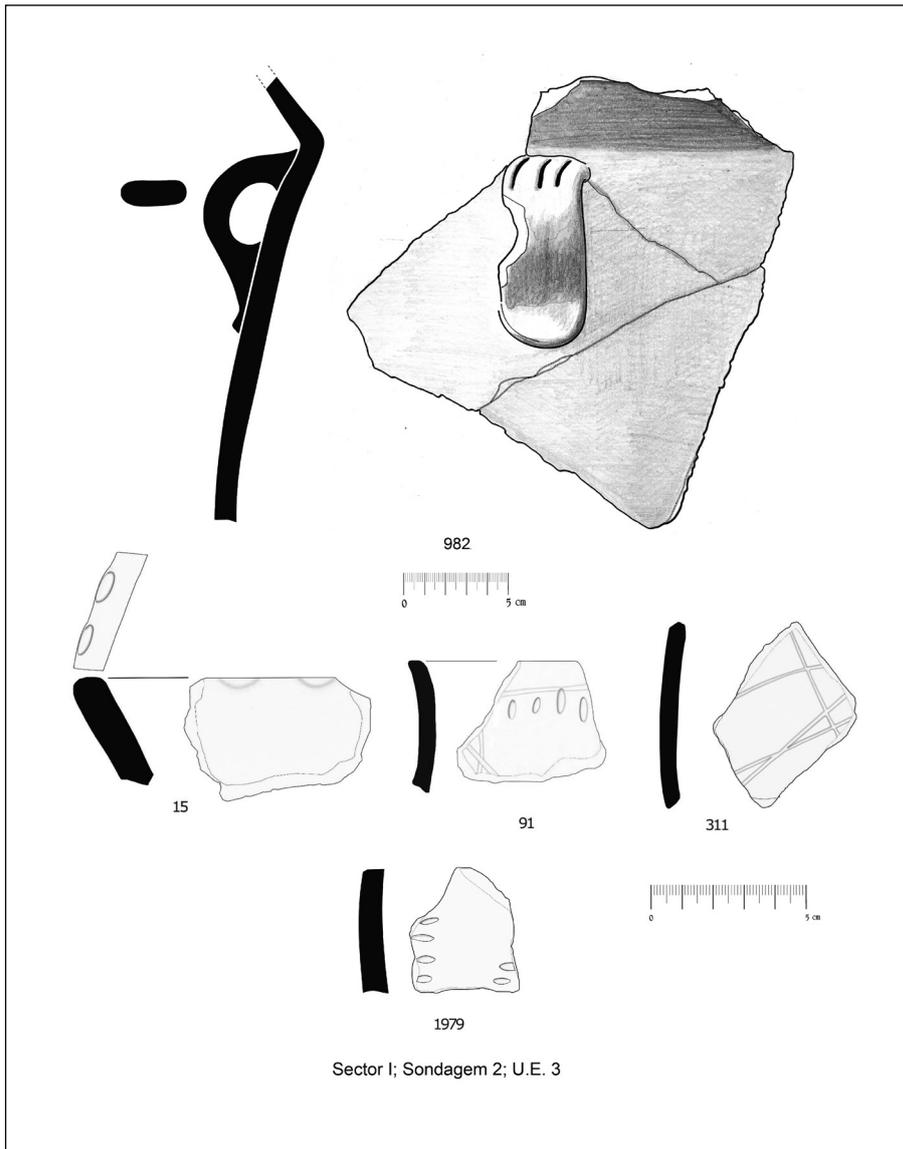


Figura 14. Sector I, sondagem 2: cerâmicas

Figure 14. Sector I, trench 2: pottery

que contemplam distintas técnicas, com motivos e combinatórias também diferenciados.

De toda a amostra destaca-se a *decoreção incisa*, registada em exclusivo em 20 exemplares. Entre os vários motivos, contam-se simples incisões finas, realizadas no lábio dos recipientes ou a criação de malhas reticuladas aplicadas no bojo dos mesmos, quer na superfície interna como na externa (figuras 10-419; 12-886, 412; 13-424, 1426).

Seguidamente, a *aplicação plástica* tem a sua expressão singular em 6 fragmentos através da aplicação de pequenos mamilos de formato cónico ou subcónico apostos no bojo dos recipientes e, num

caso, sobre a extremidade do bordo (figura 12-165, 306, 325, 169). São desconhecidos os tipos morfológicos a que se associam, não sendo também possível reconstituir com segurança a forma como se organizavam, mas possivelmente de modo aditivo (figura 15-317).

Mais residualmente, seguem-se 3 bojos correspondentes a formas inclassificáveis e onde se observam ténues *linhas brunidas* cruzadas (figura 14-311). No que diz respeito à *decoreção impressa*, registou-se em apenas 2 fragmentos, que resumem os seus motivos a digitações no lábio e a pequenos círculos impressos (figura 14-15). O mesmo ocorre com 2 exemplares

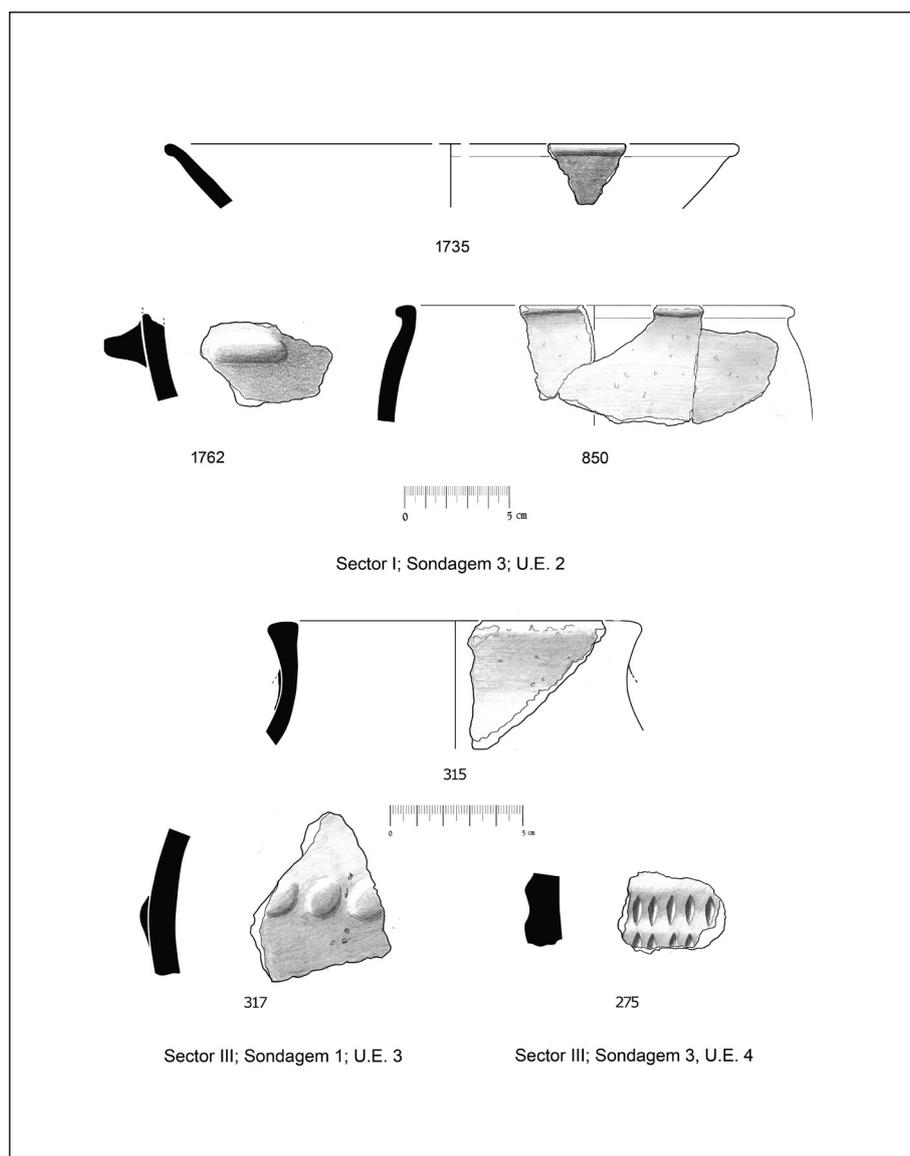


Figura 15. Sector I, sondagem 3 e Sector III: cerâmicas

Figure 15. Sector I, trench 3 and Sector III: pottery

que ostentam decoração através de *puncionamento* simples configurando motivos ovoides ou em forma de grão de cereal (figuras 14-1979; 15-275). Também sem expressão numérica significativa contabilizámos 1 pequeno fragmento, de classificação duvidosa, que apresenta ténues linhas paralelas lembrando *decoração penteada* (figura 10-812).

Diferentes técnicas podem ocorrer no mesmo recipiente. O puncionamento associa-se a sulcos brunidos num bordo (figura 14-91). Um outro recipiente de forma fechada apresenta um *cordão plástico* em torno do bojo e *impressão*, através de digitação, sobre o mesmo (figura 12-131). O uso da *incisão* e da *impressão*

na mesma peça, que ocorre em 4 fragmentos, corresponde a motivos em espiga, ou a reticulados, associados a pequenos círculos, ou semi-círculos, impressos (figuras 12-731, 738, 981; 13-1425). Quer os reticulados incisos, quer os motivos impressos, podem ocorrer tanto no exterior como no interior dos recipientes. As decorações incisas, associadas ou não a impressões, podem ainda incorporar *pasta branca* nos respectivos motivos, mas sempre reduzida a ténues vestígios, o que se observou em 5 exemplares (figura 12-412, 886).

Sintetizamos na figura 17 a informação relativa à análise da cerâmica, deixando a discussão para o ponto 5, atendendo à sua especial importância na

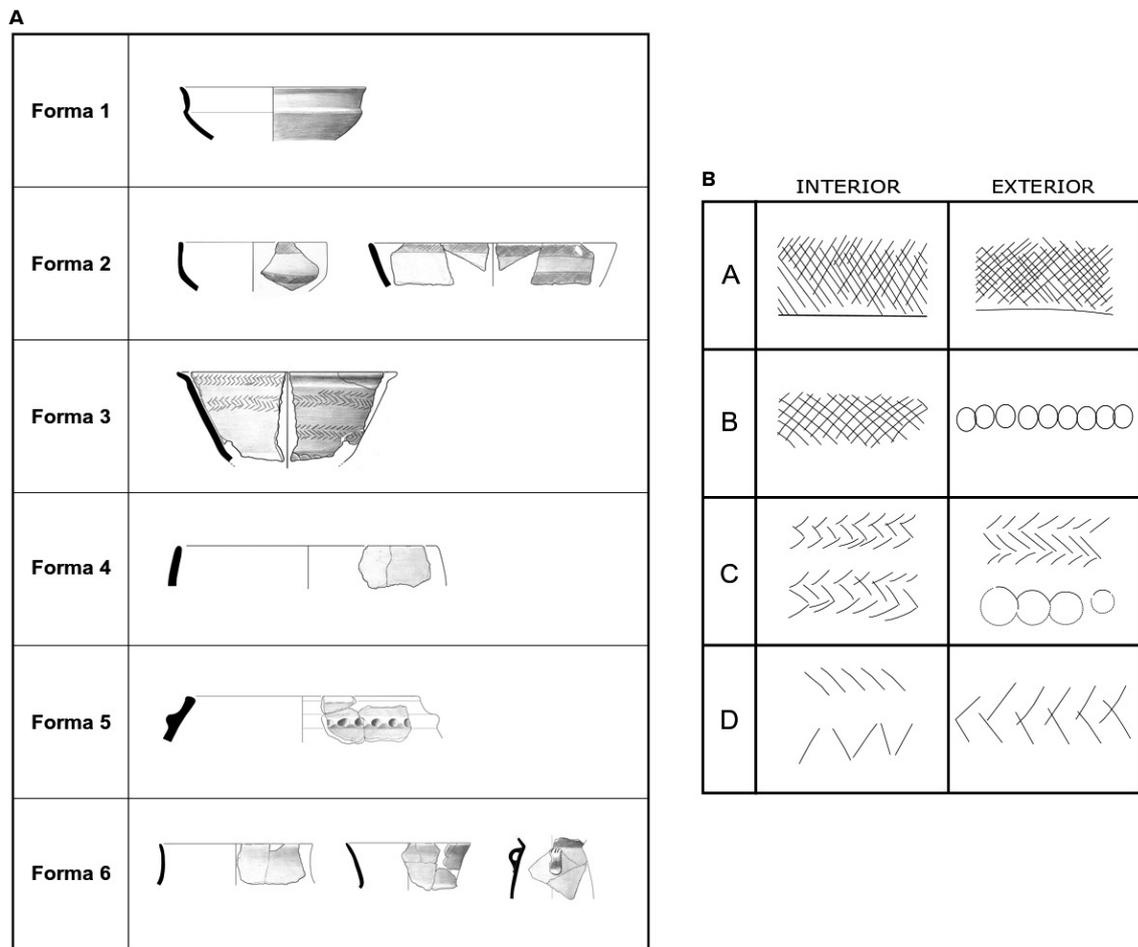


Figura 16. A. Quadro de formas das cerâmicas. B. Quadro de agrupamentos temáticos das cerâmicas com decoração em ambas as superfícies

Figure 16. A. Typological table of pottery forms. B. Decorative patterns identified on pottery with decorated internal and external surface

caracterização da ocupação da Idade do Bronze de Caria Talaia e que podemos atribuir à interface entre o Bronze Médio e a fase formativa do Bronze Final.

4.1. Fichas cerâmicas

Os materiais cerâmicos de Caria Talaia incluem ainda um número residual de peças designadas por «fichas» ou «discos»; são provenientes do sector I, sondagem 2 (E-II UE2 e UE3). Trata-se de 2 fragmentos cerâmicos de fabrico grosseiro, recortados de forma subcircular, com rebordos afeiçãoados ou limados, de distinto tamanho: diâmetro de 4,5 cm e espessura de 0,7 cm e de 2,7 cm e espessura de 0,8 cm, respectivamente (figura 18-66, 908).

Em termos regionais e englobando cronologias bem distintas poderiam ser apresentados múltiplos paralelos de dimensão variável, exercício que consideramos pouco relevante para os objectivos deste trabalho. De facto, peças idênticas a estas possuem cronologia muito ampla e dispersão geográfica bem diversa, sendo consideradas em termos interpretativos como fichas de jogo, pesos, tampas de recipientes, etc. Independentemente do significado funcional que lhes possa ser atribuído, no caso presente não existe qualquer pista que permita optar por uma daquelas hipóteses ou propor qualquer outra. E se é um facto que a hipotética função como tampa de recipientes não é compatível com as formas cerâmicas conhecidas em Caria Talaia, sempre com

Quantidade e percentagem das técnicas decorativas registadas

Técnicas decorativas	N.º de fragmentos	Percentagem
Incisão	20	47,6%
Aplicação plásticas	6	14,2%
Impressão	2	4,8%
Puncionamento	2	4,8%
Penteado	1	2,4%
Sulcos brunidos	3	7,1%
Incisão + impressão	3	7,1%
Incisão + pasta branca	4	9,5%
Incisão + impressão + pasta branca	1	2,4%
Aplicação plástica + impressão	1	2,4%
Sulcos brunidos + puncionamento	1	2,4%
Total	44	100%

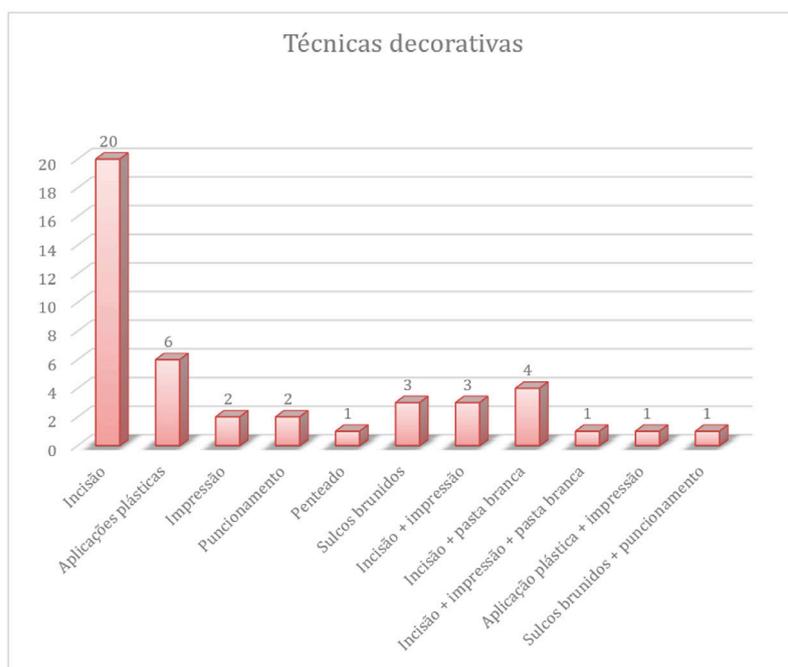


Figura 17. Técnicas decorativas do conjunto cerâmico e sua relação percentual

Figure 17. Table and graphic of pottery decorative techniques and its percentual representation within the assemblage

diâmetros que excedem os das fichas, não deveremos esquecer o presumível uso por parte das comunidades pré-históricas de tipos alternativos de recipientes, não cerâmicos, como cabaças, com aberturas de menor diâmetro, que necessitariam de soluções de selagem.

Mesmo incompreendidas de forma cabal quanto à sua funcionalidade, o certo é que as fichas assumem particular interesse na óptica do estudo do ciclo de produção, uso e descarte de cerâmicas, por traduzirem uma forma peculiar da sua reciclagem: nem todos os fragmentos de recipientes quebrados, acidental ou intencionalmente, eram abandonados

ou desprezados. Pelo contrário, foram diversas as estratégias e práticas de reciclagem de cerâmica e entre elas conta-se, justamente, a transformação de fragmentos amorfos neste tipo de fichas. Note-se, porém, que não é de excluir a possibilidade de certas fichas de especial regularidade formal — que não no caso em análise — poderem ter sido fabricadas de origem, *i.e.* não resultarem de qualquer reaproveitamento de fragmentos cerâmicos mas terem sido concebidas como tal de raiz (Vilaça, 1995: 366).

Prática distinta de reciclagem de cerâmica corresponde à recuperação de recipientes visando o prolongamento da sua função como contentores, o que,

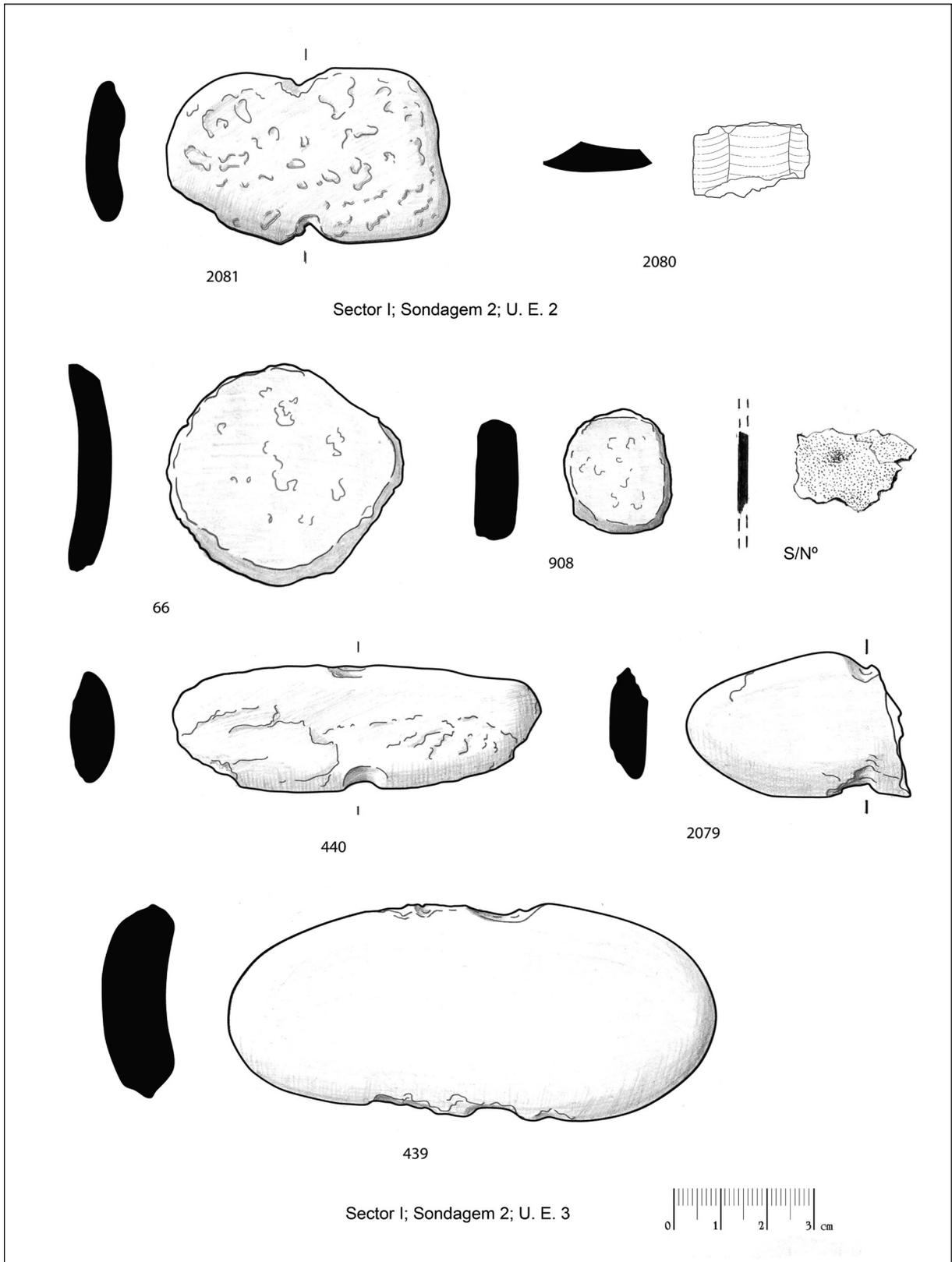


Figura 18. Sector I: materiais cerâmicos, líticos e metálico

Figure 18. Sector I: metalwork, ceramic and lithic artefacts

independentemente da sua qualidade, se conseguia unindo os fragmentos através de grampos, ou «gatos», com fibras, cordões de couro, ou até mesmo fios metálicos. Esta estratégia foi identificada num único fragmento de Caria Talaia com perfuração feita após cozedura, não tendo sido recuperado o respectivo par (figura 11-2011).

4.2. Líticos

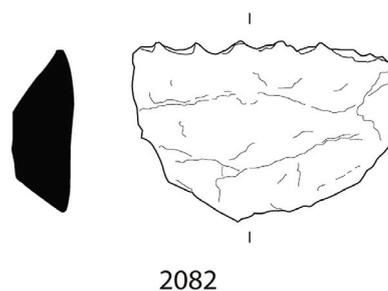
Os materiais líticos, lascados, polidos e afeiçoados são em número muito reduzido, limitando-se a um total de 14 exemplares: 1 lasca, 1 elemento de foice, 1 enxó, 5 elementos de mó, 4 pesos, 1 pendente e 1 conta de colar. São provenientes dos sectores I e III; incluímos também os achados de superfície nas respectivas áreas.

Pedra lascada

No sector I, sondagem 1 (A-3 UE₂) foi recolhido um elemento denticulado de foice em quartzo (com patina de sulfureto de ferro), de secção subtrapezoidal; 3,2 × 2,2 × 0,7 cm (figura 19). Deste mesmo sector, da sondagem 2 (E-10 UE₂) é proveniente um fragmento mesial de lâmina em sílex acinzentado, de secção subtrapezoidal, sem retoque; 1,6 × 2,5 × 0,7 cm (figura 18-2080). Ainda deste mesmo sector e sondagem (D-11 UE₃) conta-se um pequeno fragmento de sílex róseo em bruto, talvez destinado ao fabrico de um objecto, nunca consumado; 3,2 × 1,6 × 0,7 cm.

Embora residual, a utensilagem lítica lascada de Caria Talaia enquadra-se na generalidade deste tipo de materiais de contextos da Idade do Bronze, nomeadamente das áreas peninsulares mais interiores. Valoriza-se pela sua importância em termos funcionais e numa perspectiva de economia comunitária o elemento de foice. Ademais, e ainda que sendo peça única, não deixa de ser sintomática a sua presença neste ambiente específico da Idade do Bronze, tipo que para outros contextos coevos e próximos foi considerado, em termos de indústria lítica, como «*la pieza más característica de esta etapa [Cogotas I]*» (Blasco Bosqued, 2012: 207).

Na região beiraltina, este tipo de peças será muito mais abundante do que transparece das publicações. Poderemos apontar o seu registo no povoado do Bronze Final do Caldeirão (Perestrelo, 2000: 63



Sector I; Sondagem 1; U. E. 2



Figura 19. Sector I, sondagem 1: elemento denticulado de foice em quartzo

Figure 19. Sector I, trench I: quartz denticulated sickle insert

e fig. 22-4) e no singular sítio do Cabeço das Fráguas, com ocupação de finais da Idade do Bronze e Idade do Ferro, ambos na região da Guarda. Neste último tinha sido recolhido em prospecções realizadas em 2003 um elemento de foice de quartzito (Osório, 2005: 65, n.º 7; 2008:28), altura em que também se encontrou um fragmento cerâmico decorado com «*líneas cosidas*» (Osório, 2005: 60, n.º 5). Escavações posteriores proporcionaram um número bastante mais significativo de elementos de foice, que foi possível observar em 2010 na exposição dedicada a este importante lugar promovida pelo Museu da Guarda e o Instituto Arqueológico Alemão (Madrid), que assumiu a direcção do projecto.

Pedra polida

Na área do sector III foi encontrado em níveis remexidos um esboço de enxó em anfíbolito, de contorno subtrapezoidal, secção irregular sub-rectangular



Figura 20. Sector III: enxó em anfibolito com polimento parcial

Figure 20. Sector III: amphibolite adze, partially polished

e gume de tendência assimétrica. O polimento circunscreve-se a uma das faces e apenas na zona do gume, que se encontra muito esborado; 15 × 6 × 3,4 cm. É a única peça recuperada em Caria Talaia submetida a polimento (figura 20).

Pedra bujardada

Do sector I, sondagem 2 (D-10 UE₃) é proveniente um movente/bigorna (n.º 2078) em granito de configuração subelíptica; numa das faces, ao centro, apresenta vestígios de ter sido utilizado como percutor; na outra face, também na zona central, possui marcas que revelam uso como bigorna; lateralmente e nos topos apresenta ainda vestígios de utilização como percutor; 9 × 7 × 4,2 cm (figura 21-1). Deste mesmo sector e sondagem foram também encontrados 5 dormentes (ou seus fragmentos), em granito. Três deles, fracturados, foram utilizados como material de construção e

integravam a UE₄. Os outros dois conservam-se praticamente completos, sendo de destacar o que se encontrava *in situ* na periferia daquela unidade estratigráfica e com a face activa virada para cima; 43 × 25,5 × 6 cm.

Na área do sector III foi encontrado em níveis remexidos um movente/percutor sobre seixo natural de corneana. De formato poliédrico, possui secção subtriangular e apresenta especial polimento devido a desgaste, talvez também como polidor, numa das faces. Em ambas extremidades apresenta sinais de uso como percutor; 10 × 7 × 3,6 cm (figura 21-2).

Sendo muitíssimo recorrente o achado de elementos de moinhos de tipo vaivém em povoados pré e proto-históricos, amortizados em contextos de uso, ou reaproveitados como material de construção, sublinhamos para o conjunto de Caria Talaia a presença de peças ambi-funcionais, intencionalmente fabricadas a partir de blocos de matéria-prima, com quase absoluto domínio do granito, ou recorrendo a seixos naturais.



Figura 21. Sector I, sondagem 2: movente/bigorna em granito (1); Sector III: movente/percutor em corneana (2)

Figure 21. Sector I, trench 2: granite quern grinder/anvil (1); Sector III: hornstone grinder/hammer (2)

Pesos

Contam-se 4 pesos sobre seixos naturais, provavelmente de rede (sector I, sondagem 2). Encontravam-se, com excepção de um deles (n.º 2079), concentrados na área das quadrículas E-10/11. São todos seixos achatados, de forma oblonga, nos quais se realizaram entalhes laterais e opostos colocados tendencialmente de forma simétrica na zona intermédia das peças (figura 18-439, 440, 2079, 2081).

O peso n.º 2081 (E-10 UE2) é em xisto mosqueado e os seus dois entalhes são perfeitamente simétricos; $5,8 \times 3$ (zona dos entalhes) $\times 0,9$ cm; peso: 32 g. O peso n.º 2079 (C-10 UE3), em metaplito, encontra-se fragmentado sensivelmente a meio, mas conserva os dois entalhes simétricos, um completo e o outro por metade; $4,5 \times 2,4 \times 1$ cm; peso: 18 g (sublinhe-se fragmentado por metade). Também em metaplito é o peso n.º 440 (E-11/12 UE3), completo,

mas possuindo apenas um entalhe concluído, indicando que o fabrico da peça terá sido interrompido; $8 \times 2,5 \times 0,6$ cm; peso: 25 g. Igualmente completo, o peso n.º 439 (E-11/12 UE3) é em quartzito ferruginoso e possui dois entalhes simétricos, embora também conserve vestígios de tentativas de outros entalhes; $10,5 \times 4,2 \times 1,1$ cm; peso: 103 g.

É recorrente a presença deste tipo de artefacto em contextos de ampla cronologia (e distintas geografias), designadamente da Beira Interior. Alguns permanecem inéditos, tendo sido outros, datáveis do Bronze Final, alvo de estudo conjunto ou parcelar (Vilaça, 1995: 318-319; Perestrelo, 2000: 63-64, fig. 22-1 e 2; Osório, 2008: 63).

Trata-se de uma categoria de artefacto que carece, porém ainda, de uma abordagem sistematizada que perscrute a eventual relação entre os diversos tipos formais e a particularidade de determinados atributos, como a simetria e posicionamento dos entalhes,



Figura 22. Sector I, sondagem 2: conta de colar em calcedónia e pendente não perfurado em filito

Figure 22. Sector I, trench 2: chalcedony bead and unfinished phyllite pendant

a sua profundidade, as marcas de desgaste, os respectivos pesos, etc., passando pela realização de exercícios experimentais, que poderão trazer alguma luz relativa a um conhecimento mais consistente sobre o seu uso em redes de pesca, em teares, ou indistintamente em ambos. Consideremos que ambas são hipóteses plausíveis e até mesmo conciliáveis.

Objectos de adorno

No sector I, sondagem 2 recolheram-se duas peças de adorno (D-10 UE₃): 1 conta de colar e 1 pendente. Encontrados muito próximo entre si, só não terão pertencido a um mesmo colar porque o fabrico do pendente não foi concluído.

A conta de colar (figura 22-2354) é em sílica amorfa, ou calcedónia, de tom tijolo (ambarino) com veios acastanhados, de apurado fabrico e polimento intenso. Apresenta forma cilíndrica e perfuração cilíndrica vertical, ligeiramente descentrada e alargando nas extremidades; 0,7 × 0,9 × 0,5 cm; peso: 0,2 g.

O pendente (figura 22-2083) aproveita pequeno seixo natural achatado em filito de tonalidade

cinzenta, polido em ambas as faces. Tem forma subelíptica e secção oval. Numa das extremidades, e em ambas as faces, possui dupla perfuração não concluída nem perfeitamente simétrica, mais regular e perfeita numa das faces; 3,6 × 1,6 × 0,4 cm; peso: 0,8 g. Corresponde, por conseguinte, a uma peça abandonada durante o processo de fabrico, por algum motivo impossível de determinar. Todavia, o parcial desajuste entre as perfurações das duas faces que, se consumadas, originariam uma perfuração enviesada e não perpendicular ao plano da superfície, poderá explicar o insucesso ou abandono do fabrico.

Pendentes deste tipo, se bem que formalmente distintos e em outros tipos de matérias-primas, não são frequentes em contextos da Idade do Bronze da região beirão. Mas poderemos referir o pendente em xisto proveniente do nível proto-histórico do Sabugal Velho (Aldeia Velha), fracturado longitudinalmente (Osório, 2008: 62), um outro, em grauvaque, dos Alegrios (Vilaça, 1995: 322, CLV-10) e ainda um outro, em xisto, do Buraco da Moura de São Romão-Sala 20 (Seia) (Senna-Martinez, 1993: 70, est. XI-40).

Matérias-primas	Tipo de objecto	Total
Anfibolito	enxó	1
Calcedónia	conta de colar	1
Corneana	movente/percutor	1
Filito	pendente	1
Granito	elementos de mó	4
Metaplito	peso	2
Quartzo/quartzito	elemento de foice; peso	2
Sílex	lasca	1
Xisto	peso	1
Total		14

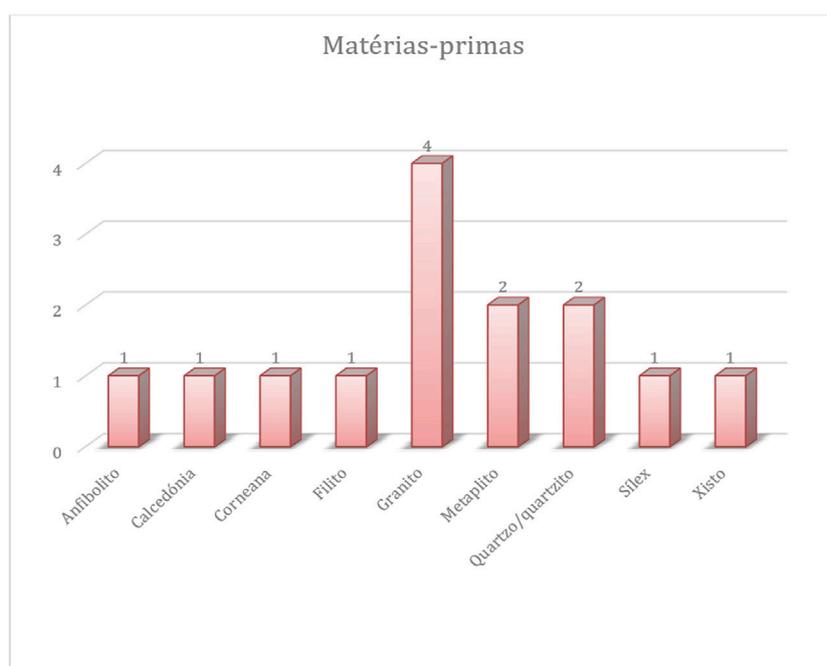


Figura 23. Quadro de matérias-primas e categorias de objectos líticos

Figure 23. Table and graphic of lithic objects and its raw materials

A figura 23 sintetiza as diferentes categorias de artefactos líticos e respectivas matérias-primas.

Quanto àqueles e apesar do seu número diminuído, expressam alguma diversidade funcional, sendo de destacar os que se associam a práticas agrícolas/cerealíferas, como a enxó, o elemento de foice, os moventes e dormentes. Os pesos testemunham outro tipo de actividades especializadas, embora também relacionadas com a obtenção de alimentos na exploração de recursos fluviais, caso se admita que serão pesos de pesca. Recorde-se que o rio Côa encontra-se na base do cabeço, podendo ser alcançado em cerca de 8 e 9 minutos de marcha, respectivamente descendente

e ascendente. Mas também não é de descartar, como referimos, a hipótese de terem sido pesos utilizados no tear, no processamento e entrelaçamento de fibras.

Além destes marcadores económicos que nos permitem vislumbrar o tipo de actividades relacionadas com a manutenção diária da comunidade, os dois objectos de adorno são também de relevar, em especial o pendente, na medida em que se trata de uma peça em curso de fabrico, como referido.

Em relação às matérias-primas, sublinhe-se que todas elas existem na região ou até mesmo no próprio local, não revelando, por si só, índices de mobilidade dignos de nota.

4.3. Metais

A escavação proporcionou um único fragmento metálico pré-histórico recolhido no sector I, sondagem 2 (D-10 UE₃, perfil norte). Trata-se de um pequeno fragmento de placa disforme e inclassificável; 2,7 × 1,6 × 0,2 cm (figura 18-s/n.º).

O seu estudo analítico visando a identificação da liga foi realizado por Ignacio Montero-Ruiz com equipamento portátil de Fluorescência de raios-X (XRF) INNOV-X Systems modelo Alpha equipado com tubo de raios-X, ânodo de Ag, nas seguintes condições de trabalho: 35 Kv, 5µA, com filtro de alumínio de 2 mm, tempo de aquisição 40 segundos, instalado no Museu Arqueológico Nacional (Madrid).

Apesar da fragilidade do metal, fortemente debilitado pelo processo de corrosão, procedeu-se à limpeza mecânica da pátina presente na superfície da placa, sendo a zona intervencionada aquela sobre a qual incidiu a análise. Os resultados revelaram que o metal é um bronze (Cu+Sn) bastante puro e com altos teores em estanho, apresentando a seguinte composição: Cu 72,7 %, Sn 27,1 %, Fe 0,06 % e Pb 0,12 %.

Nesta região da Beira Interior, a metalurgia atribuível ao Bronze Médio e inícios do Bronze Final, período que importa neste estudo, é praticamente desconhecida — muito embora com a precedência da notável espada «argárica» de Castelo Bom (Almeida), em estudo —, não havendo disponíveis dados comparáveis sobre metais à base de cobre pertencentes àqueles períodos. O quadro altera-se radicalmente para os finais da Idade do Bronze.

Numa escala mais alargada do Ocidente Ibérico, poderemos referir que os bronzes mais antigos até hoje conhecidos a sul do rio Tejo atribuídos ao segundo quartel do II milénio a. C. apresentam teores de estanho semelhantes ao que é normal para períodos mais recentes, *i.e.* o Bronze Final, com percentagens de *ca.* 10 % Sn (Valério *et alii*, 2014). Situação semelhante foi documentada a norte do Douro, em Trás-os-Montes, concretamente na Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros), com ocupação atribuída a *c.* 1750-1250 a. C. (Senna-Martínez *et alii*, 2011: 382). E o mesmo parece ter-se verificado no povoado da Sola (Braga), com ocupação de 1600-1500 a. C. e que A. Bettencourt estudou,

atendendo aos resultados das segundas análises realizadas, dessa vez por Neutron and synchrotron X-Ray Diffraction Analysis, com o estanho a não ultrapassar valores de 10 % (Comendador Rey *et alii*, 2012).

Já na área mesetenha o que parece ser de relevar no Bronze Médio é a coexistência de artefactos à base de cobre, de cobre arsenical e de bronze, neste caso com percentagens de estanho muito variáveis, condicionadas também pelo tipo de análises efectuadas. Quanto aos valores médios de estanho para peças do Bronze Final situam-se na ordem dos 14,4 % e 29,85 % (Herrán Martínez, 2008: 280-281, 353; Fernández Manzano e Herrán Martínez, 2012).

Perante o quadro até hoje conhecido sobre os primeiros bronzes do Ocidente Ibérico e tendo ainda em conta que a própria placa de Caria Talaia apresenta uma corrosão muito marcada e profunda, será prudente admitirmos a possibilidade de que os resultados aqui apresentados, se bem que obtidos sobre uma parte limpa da superfície, possam estar influenciados pela presença de uma corrosão intergranular que poderá explicar valores de estanho tão significativos. Porém, e apesar das limitações intrínsecas do dado analítico, parece não haver dúvidas quanto à importância da pequena e inclassificável placa de Caria Talaia, por testemunhar um dos mais antigos vestígios da metalurgia do bronze no Alto Côa, iniciadora, na etapa formativa do Bronze Final, de uma tradição de bronzes binários que se manterá, pelo menos, ao longo de todo esse período.

5. As cerâmicas de Caria Talaia e sua discussão

Mau grado o acentuado estado de fragmentação em que se encontram, as cerâmicas de Caria Talaia são de particular relevância para a determinação da cronologia de ocupação do sítio e sua caracterização cultural, constituindo, nessa medida, um importante contributo para o conhecimento da Idade do Bronze na região do Alto Côa e, de um modo mais geral, na Beira Interior.

Começando por uma análise mais focada nos tipos morfológicos já descritos e comparando-os com o que se conhece regionalmente, em certos casos com

dados bem contextualizados e datados, verifica-se que, no seu conjunto, são compatíveis com alguns dos tipos que caracterizam a última etapa da Idade do Bronze dos povoados do Castelejo (Sabugal), Caldeirão (Guarda), Monte do Frade (Penamacor) e, mais a sul, ainda o Cabeço da Argemela (Fundão), Alegrios e Moreirinha (Idanha-a-Nova) (Fernandes, 2016: 209; Perestrelo, 2000: 88, 92; Vilaça, 1995: 117, 155, 202, 232).

Este exercício comparativo é aceitável se se atender à categoria genérica das taças carenadas ou aos recipientes de tipo pote, que caracterizam particularmente bem as produções destes povoados e se encontram presentes nas formas 1 e 6 de Caria Talaia. Importa notar, porém, que aqui são bastante menos expressivos, muito em especial as primeiras. Os próprios fabricos e acabamentos, se bem que parcialmente compatíveis, não são os mesmos, pois em Caria Talaia estão escassamente representados os mais finos, de superfícies muito polidas ou bruniadas, e mesmo ausentes os intensamente brunidos. Por outro lado, as taças e púcaros carenados providos de uma ou de duas asas, tão comuns nos contextos regionais mais tardios do final da Idade do Bronze, são completamente desconhecidos entre o espólio estudado deste povoado.

No que respeita aos recipientes de tipo pote, muito abundantes naqueles outros e onde se associam frequentemente a acabamentos «*cepillados*», apresentam em Caria Talaia superfícies essencialmente alisadas ou rugosas. Porém, não deixam de estar presentes exemplares de acentuada similitude formal como é, por exemplo, o representado na figura 14-982 provido de um tipo de asa bastante peculiar com um paralelo muito próximo num dos potes do Castelejo (Vilaça, 1995: est. XXIII-3; Osório, 2008: 54, n.º 45).

Estas observações podem explicar-se, pelo menos em parte, pelo distanciamento cronológico dos casos que serviram de comparação. Efectivamente, é necessário estabelecer essa diferenciação cronológica mais fina quando alargamos a análise a todo o universo cerâmico em estudo, que integra outros indicadores formais e estilísticos.

A existência de pequenas taças e tigelas que integramos indistintamente na forma 2, sobretudo por dificuldade de determinação de perfis completos e das respectivas profundidades, mas onde é manifesta

a existência de distintas variantes, inclusive decoradas, por um lado, e a presença de recipientes de perfil tronco-cónico invertido lisos e decorados (figura 13-1425), por outro, são categorias muito bem representadas em contextos datáveis da Idade do Bronze meseteno da órbita de Proto-Cogotas, ou Cogeces, e de Cogotas I (v.g. Abarquero Moras, 2005: 29-31, fig. 3, 5, 6). Falamos de categorias formais consagradas na terminologia espanhola como *Fuentes*, *Tazas* e *Cuencos* (v.g. Fernández-Posse, 1980: 623-637, 641-645; 1987).

Referimo-nos muito especial à forma 3 de Caria Talaia, comparável aos *Cuencos* desta investigadora e que, regionalmente, encontra bons paralelos em contextos datáveis do Bronze Médio como são, entre outros, os de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) (Pereira, 1999, est. III, VIII) ou, já em Trás-os-Montes, os da Fraga dos Corvos (Luís, 2015: 67, n.º 701).

Note-se porém que esta forma está também presente em contextos da Beira Interior de finais da Idade do Bronze, como o Monte do Frade e a Moreirinha, aí representada pelo tipo 6 (Vilaça, 1995: 154-155, 158, 231-233), ou ainda no Castelo do Sabugal onde se recolheu uma peça de forma similar decorada com incisões e pontilhados (Osório, 2005: 62, n.º 2; 2008: 59, n.º 71).

Suspendendo por momentos a análise morfológica, pois forma e decoração não são indissociáveis, foquemo-nos agora nesta última.

Do conjunto cerâmico em estudo sobressaem duas realidades que importa comentar separadamente, mas não de modo desconexo. Por um lado, as técnicas e motivos decorativos transversais a cronologias, geografias e âmbitos culturais de mais ampla escala, como as decorações plásticas (cordões e mamilos) ou as incisões e digitações nos lábios dos recipientes. Por outro lado, os elementos que, do ponto de vista técnico e estilístico, nos reportam, de novo, para produções da órbita de proto-Cogotas e de Cogotas I.

Em relação aos primeiros, atribuímos particular atenção às aplicações de cordões, por vezes com impressões digitais e incisões, que envolvem os bordos de recipientes fechados, cingindo-os, como se de um cordão, ou corda, simbolicamente se tratasse, recipientes cuja forma é compatível com a armazenagem e preparação de bens alimentares (figura 12-131).

Em tempos regionais, a sua presença ocorre mais uma vez em todos os casos datáveis de finais da Idade do Bronze e já antes referidos, com paralelos estreitos entre as cerâmicas do Castelejo (Vilaça, 1995: 279, 281, 306-307, est. XLIX-3) e do Caldeirão (Perestrelo, 2000: 61, fig. 16-1).

Mas dilatando a escala no tempo e no espaço, quer a aplicação de cordões, lisos, digitados ou incisos, quer a de mamilos, também caracterizam outros contextos do Bronze Antigo/Pleno do mundo meseteno e suas áreas de influência, relação que deve ser valorizada face ao universo das cerâmicas de Caria Talaia. Assim, e a título meramente ilustrativo, poderemos referir, no território espanhol mais ocidental e entre algumas das publicações dos últimos anos, a sua presença em Orilla de la Salina Grande e em El Barco, dois dos sítios do importante complexo de Villafáfila na área lagunar zamorense associados à exploração de sal durante o Bronze Antigo (Abarquero Moras *et alii*, 2012: 61, 68).

Recentrando a atenção na região portuguesa beiraltina, que pretendemos valorizar, a aplicação de cordões plásticos é conhecida, para além dos casos antes mencionados, em outros ocupados em etapas anteriores, nomeadamente da zona de Vila Nova de Foz Côa, como o povoado do Fumo, atribuível ao Bronze Inicial (Carvalho, 2004: fig. 18, 19), ou com ocupações que podem prolongar-se pela primeira metade do II milénio a. C., como Castelo Velho de Freixo de Numão (Varela, 2000: 95, fig. LVI, LVII) e Castanheiro do Vento (Carneiro, 2011: 210 e fig. 5-8). Atravessando o Douro, em Trás-os-Montes Oriental, podem referir-se os sítios da Fraga dos Corvos, no que respeita a sua fase de ocupação do Bronze Médio, com presença de cerâmicas proto-Cogotas I (Luís, 2013: 575; 2015: 327) e o da Foz do Medal (Vale do Sabor), este um sítio de fossas, designadamente de cariz também funerário (Gaspar *et alii*, 2014: 62, fig. 5-3).

Note-se que, de um modo geral, os cordões plásticos dos sítios supra-mencionados correspondem a aplicações simples, lineares, que não chegam a configurar composições elaboradas, distanciando-se assim de outras mais complexas e invasoras como são as que se associam em particular ao designado «Grupo Parpantique», vinculado ao Bronze Antigo da área mesetena mais oriental.

Nas produções estilísticas de âmbito Cogotas I estão ausentes as que se reportam de modo muito expressivo à última fase de Cogotas I Evolucionado (século XI a. C.), como são as técnicas de boquique, a excisão e as composições complexas, como as grinaldas ou as métopas (*v.g.* Blanco García, 2012: 21; Blasco Bosqued, 2012: 192-196; Rodríguez Marcos, 2005: 768; 2012: 155). A revisão de distintos contextos e atendendo aos resultados de um confortável conjunto de datas de Carbono 14, seja pelo número, seja pela sua qualidade, esta fase foi definida com maior precisão, devendo-se considerar o seu *terminus* em 1150 a. C. ou prolongando-se a *ca.* de 1100 a. C. (Mederos, 2012: 76, 84-88; Esparza Arroyo *et alii*, 2012: 268-269).

Efectivamente, em 9 fragmentos (ou conjuntos de fragmentos) exumados exibem-se decorações muito simples, destacando-se a presença de incisões em espiga e de malhas com reticulados oblíquos que, em alguns casos, associam motivos circulares ou subcirculares impressos, no interior e no exterior dos recipientes. Estes elementos são os mais característicos da fase inicial do mundo de Cogotas I, ou da anterior.

Nos exemplares estudados os motivos em espiga ocorrem junto da extremidade do bordo e no corpo formando sequências em «espinha de peixe» que se desdobram em duas ou mais fiadas de bandas paralelas (figura 13-424, 1425), podendo formar ainda linhas de «Vs» verticais (figura 13-1426). Estão também presentes na ornamentação interna dos bordos (figura 13-1425). Em termos comparativos, ressalta a firmeza e grande definição dos motivos da peça n.º 424 quando comparados com os da peça n.º 1425, realizados aparentemente com maior insegurança, precipitação, ou liberdade.

Esta peça, que corresponde a uma das formas mais canónicas do mundo de Proto-Cogotas e de Cogotas I — recipiente em tronco de cone invertido — é não só de excelente fabrico, como de fabrico, muito depurado, que se distingue de todos os outros presentes em Caria Talaia, conforme mostra a figura 24A. As pastas que mais se aproximam conduzem-nos de novo a exemplares com decoração igualmente de âmbito Cogotas I (figura 24B), aspecto que deve pesar na nossa análise. Por sua vez, peças que se inscrevem na tradição cerâmica da Idade



Figura 24. Aspecto das pastas e tratamento das superfícies de algumas cerâmicas, sendo de observar a diferença entre os exemplares de tipo Cogotas I (A e B) e exemplares de produções regionais (C e D)

Figure 24. Pottery fabric and surface treatment overview. Comparison between the Cogotas I type sherds (A and B) and the regionally produced pottery (C and D)

do Bronze indígena, como a tacinha carenada (figura 10-734), também de fabrico cuidado (figura 24C), e recipientes de tipo pote (figura 24D) possuem, todavia, pastas que se diferenciam pela presença mais abundante de felsdspatos e e.n.p. de maior calibre.

Sem ser possível demonstrá-lo neste momento, admitimos que aquele primeiro recipiente possa ser de importação. Tem decoração em ambas as superfícies, que se inicia junto ao lábio interior, como referido; além das bandas incisadas, vislumbra-se no terço inferior na superfície externa o que seria uma terceira banda decorada com a impressão de

motivos circulares ou semi-circulares. Associam-se, assim, motivos e técnicas distintas: cada motivo, sua técnica.

O/a oleiro/a concebeu neste vaso uma composição decorativa aparentemente simples, mas de particular subtileza quando o abordamos de modo integral e na sua dupla face: a primeira banda exterior traduz-se na segunda do lado interior, como que formando espelho; além disso, esses motivos desdobram-se em cada banda com traço alternado mas integrado configurando dupla espiga que cria um efeito visual algo ilusório, sobretudo se o pensarmos num contexto de uso,

i.e., em movimento, das mãos para a boca e, eventualmente até, entre convivas. É este um cenário admissível para o uso deste recipiente, atendendo também que se trata da peça de maior qualidade de fabrico no universo ceramológico de Caria Talaia (*vide supra*).

Como paralelos gerais para estas cerâmicas decoradas com motivos incisos em espiga (simples ou combinados) poderiam ser apontados inúmeros casos. Limitando-nos aos da região em estudo, vejam-se os dos povoados do Castelo do Sabugal (Osório, 2008: 59, n.º 71), da Serra Gorda (Sabugal) (Vilaça *et alii*, 2004: 150), de Castelo Mau (Almeida) (Perestrelo, 2003: 103-104), do Castelo dos Mouros de Cidadelhe (Pinhel) (Perestrelo, 2001: 136-137), povoados a que foi atribuída ocupação do Bronze Final. E ainda em Castelo Velho de Freixo de Numão, com ocupação do Bronze Antigo e Médio, onde a presença de cerâmicas com motivos similares é mais relevante em termos numéricos (Pereira, 1999: 15-16, est. I-XIV). Já no vizinho sítio de Castanheiro do Vento, coevo daquele, e face ao que se encontra publicado, esta categoria de cerâmicas com motivos em espiga parece ser pouco expressiva, admitindo a autora do estudo que foram importadas (Carneiro, 2011: 212, fig. 4-9). Recentemente, no sítio de Eira (Vila Nova de Foz Côa), localizado num terraço aluvionar também se registaram cerâmicas afins (Canha *et alii*, 2018: 188-189, fig. 13).

Mais a norte, em Trás-os-Montes, conhecem-se outras ocorrências pontuais (Pereira, 1999: 53-54) sobressaindo, porém, o povoado da Fraga dos Corvos, onde é mais significativa a presença de cerâmicas similares em termos formais e decorativos (Luís, 2013: 574, 579, fig. 2; 2015: 28-32). Pelo contrário, a sul, mas ainda na Beira Interior, só voltamos a encontrá-las no Monte do Frade e na Moreirinha, onde se associam ao tipo 6 nas respectivas tabelas de formas, conforme já referimos, sítios todavia datáveis, ao contrário daqueles, do Bronze Final (Vilaça, 1995: 154-155, 158, 231-233, est. LXXXIX-5, CV-2, CCXXIII-3). A perduração destes motivos ao longo dos distintos tempos da Idade do Bronze, se bem que com intensidade muito distinta, é um facto.

Naturalmente que é na Meseta, área matricial e irradiadora deste universo estilístico, onde se poderá encontrar um maior número de casos de referência,

em especial em ambiente Proto-Cogotas. Tomem-se como paralelos meramente exemplificativos os casos de El Pelambre, Villaornate (León) (Abarquero Moras e Delibes de Castro, 2009: 199), de La Plaza de Cogeces del Monte (Valladolid) (Rodríguez Marcos, 2005: 180), ou de Los Azafranales (Segóvia) (Blanco García, 2012: 21-22).

Um outro conjunto inserível no mesmo mundo, mas assumindo um conceito formal e estilisticamente distinto, é composto por um número mínimo de 4 taças ou tigelas, que integrámos na forma 2 e cuja decoração consiste em bandas incisas com reticulados de linhas oblíquas delimitadas por fina linha incisa, situadas no bordo, dentro ou fora dos recipientes. Essas bandas desenvolvem-se ao longo do corpo na superfície exterior alternando com outras lisas, como que evocando uma tradição estilística de matriz campaniforme que nos levaria ao III milénio a. C. Um dos exemplares possui também incisões oblíquas no lábio (figura 12-412). Num caso, cuja forma infelizmente é desconhecida, essa alternância incorpora um terceiro elemento que consiste em duas linhas de séries de pequenos e finos círculos impressos, possivelmente com a ajuda de caule de planta (figura 12-731). Este mesmo motivo, mas formando uma linha simples, aparece em dois outros exemplares, ambos também com reticulados (figura 12-738, 981). Note-se que a sua presença ocorre em todos eles sempre na superfície exterior, como se fosse um motivo ligado à luz.

Paralelos para esses elementos incisos reticulados podem ser encontrados em alguns sítios portugueses, como o Castelo dos Mouros de Cidadelhe (Perestrelo, 2001: 135, fig. 4-1 e 2, est. II-1) e a Fraga dos Corvos (Luís, 2013: 579, fig. 2), multiplicando-se largamente as possibilidades no vizinho território espanhol, de que salientamos La Corvera (Navalmoral de Béjar, Salamanca) (Fabián García, 2012: 328, fig. 3), Teso del Marqués II (Villafáfila) (Abarquero Moras *et alii*, 2012: 132, fig. 135), El Pelambre (León) (Abarquero Moras e Delibes de Castro, 2009: 219), ou o Castillo de Alange (Badajoz), na sua fase Umbría II, onde são também muito frequentes as espigas (Pavón Soldevilla, 1998: 61-65, fig. VIII).

No que às impressões circulares ou «de caña» diz respeito, é igualmente ampla a sua disseminação por toda a bacia do Douro, designadamente em

ambientes de Proto-Cogotas, o que poderia ser explicado pela sua simplicidade técnica (Rodríguez Marcos, 2005: 726; 2012: 156-157), mas permanecendo também na fase seguinte em contextos associados a cerâmicas com decoração de tipo boquique (Abarquero Moras *et alii*, 2009: 126).

Importa visualizar conjuntamente os motivos circulares com os demais, uma vez que na amostra em análise não só nunca surgem isolados, como são os únicos que se combinam com outros, sejam espigas, sejam reticulados. Essa associação parece ter sido recorrente em outras situações, como exemplificam determinadas cerâmicas de Los Azafranales (Blanco Garcia, 2012: 25, fig. 13-1), do Castro de la Peña del Moro (Segóvia) (Martín Vela *et alii*, 2019: est. 4-1), de Los Tolmos de Caracena (Soria) (Jimeno Martínez, 1984: 98; fig. 21), ou do Cerro del Castillo de Alange (Pavón Soldevilla, 1998: fig. VIII).

As composições decorativas de Caria Talaia têm de ser igualmente observadas numa perspectiva de «double face», uma vez que a presença de decoração em ambas as superfícies é um elemento-chave, a conjugar com os demais, para o seu enquadramento crono-cultural. Neste âmbito, verificou-se a presença de quatro agrupamentos temáticos com os seguintes pares: reticulado/reticulado, reticulado/motivos circulares, espigas/espigas-motivos circulares e linhas quebradas/espigas (figura 16B).

Por fim, e na mesma linha que tem vindo a ser seguida, importa referir que cinco dos fragmentos decorados têm também incrustação de pasta branca, embora reduzida a ténues vestígios, de que resultaria um contraste também cromático. Esses elementos conservam-se incorporados em motivos reticulados na superfície exterior e num exemplar que associa espigas e círculos impressos (figura 12-412, 73I, 886).

Não foi ainda possível determinar em termos arqueométricos a natureza desses resíduos (carbonatos de cálcio, talco, osso/hidroxiapatito triturado, outro?), análise que ganhará escala se efectuada em conjunto com alguns outros exemplares regionais também portadores de resíduos de pasta branca presentes, entre outros, em Vilar Maior (Sabugal) (Pernadas *et alii*, 2016), Caldeirão (Perestrela, 2000: 84 fig. 7), Castelo dos Mouros de Cidadelhe (Perestrela, 2001), ou Castelo Velho de Freixo de Numão (Pereira, 1999: 32).

Em suma, feita a caracterização das cerâmicas mais significativas de Caria Talaia e estabelecidas algumas comparações, formais, técnicas e decorativas que nos ajudaram a entendê-las melhor, pode dizer-se que o seu enquadramento na Idade do Bronze situar-se-á por meados da 2ª metade do II milénio a. C. As estreitas afinidades estilísticas de alguns exemplares com produções tipicamente meseténhas de âmbito proto-Cogotas, que podem todavia em parte perdurar por Cogotas I Pleno, permitem-nos sugerir como hipótese admissível para a ocupação pré-histórica de Caria Talaia os séculos XV-XIII/XII a. C.

Este período formativo de Cogotas I encontra-se bem caracterizado por diversos investigadores, podendo ser definido sinteticamente:

[...] por la escasez o actividad de motivos excisos y de boquique, y por el predominio de los incisos e impresos: las espigas, reticulados, zigzags, trazos oblicuos, zonas angulares rellenas de paralelas y algunas líneas incisas con pequeñas ondulaciones. Las composiciones más habituales se distinguen por su sencillez y por una sobriedad relativa; generalmente bandas simples bajo el borde o sobre la carena, abordando también la parte interior del labio [...] (Abarquero Moras, 2005: 29-30).

O quadro que esta citação descreve é compatível com a realidade revelada em Caria Talaia, onde notámos também a total ausência das técnicas de boquique e de excisão, o que não desmente o perfil mais arcaizante que apontamos para a produção das suas cerâmicas. Todavia, as cerâmicas vinculadas ao mundo cogotenho transportam consigo conceitos formativos de ampla diacronia e resiliência o que, na ausência de outros marcadores cronológicos precisos, dificulta a determinação de cronologias muito finas.

Isso verifica-se em Caria Talaia para a qual foi obtida uma data de Carbono 14, mas cujo resultado, como vimos, não é compatível com o universo artefactual conhecido. Por outro lado, os restantes registos líticos ou metálicos em nada desmentem a cronologia que propomos.

Na inexistência de um quadro crono-cultural consistente para o II milénio a. C. da Beira Interior Norte e Centro e, em concreto, para o Bronze Médio e

inícios do Bronze Final da região, o apoio no faseamento adoptado para a Meseta espanhola revelou-se oportuno, o que não significa o reconhecimento de qualquer processo cultural importado de «cogotização» das franjas mais ocidentais da Meseta, já em solo português. Antes o é, tão-só, na constatação da presença de determinadas cerâmicas particularmente próprias a serem emuladas (Blanco González, 2015: 47), que denunciam, simultaneamente, mecanismos sociais de contacto, directos ou em cadeia, «vizinho-a-vizinho», entre comunidades de uma vasta região hoje separada por uma fronteira política.

As motivações para esses contactos, que tiveram ritmos e orientação variável, deverão ter sido de natureza também diversa, se bem que presumíveis práticas exogâmicas tenham colhido particular empatia em tempos mais recentes por contraste, aliás, na ênfase colocada durante muito tempo na transumância (Abarquero Moras, 2012: 92). Mas quaisquer que tenham sido os catalizadores dessa interacção, e não necessariamente aqueles ou qualquer um só, a verdade é que — e importa sublinhá-lo — pelo lastro das comunidades manipuladoras de cerâmicas de âmbito Cogeces e Cogotas I perpassam contextos sócio-económicos bem distintos e igualmente distendidos no tempo, mesmo quando o nosso universo de análise se limita à Beira Interior.

6. Considerações finais

Embora pistas avulsas conhecidas desde inícios do século xx indicassem a existência de uma ocupação pré ou proto-histórica em Caria Talaia, foi necessária a realização de escavações para o confirmar e, sobretudo, para determinar a natureza dessa ocupação.

Caria Talaia parece corresponder a um dos diversos sítios de altura procurado por comunidades da Idade do Bronze, mais precisamente de uma fase avançada do Bronze Médio e de inícios do Bronze Final, que poderemos situar, atendendo à caracterização da sua cultura material, por meados da segunda metade do II milénio a. C. Como vimos, nessa caracterização foi determinante o pequeno, mas muito expressivo, conjunto de cerâmicas, cujas formas e motivos decorativos em determinados casos

permitiram associá-las estilisticamente às tradições das produções do mundo de proto-Cogotas e etapa de formação de Cogotas I. Mas importa sublinhar que, de um ponto de vista do tipo de pastas, estas não oferecem diferenças assinaláveis relativamente às produções das cerâmicas da Idade do Bronze da Beira Interior. Apenas um caso, como vimos, se distancia notoriamente dessa tendência. Também as outras materialidades artefactuais registadas, sejam os líticos, seja o único fragmento metálico de bronze, inclassificável, podem ser enquadradas nas mesmas balizas cronológicas. Mas é interessante sublinhar o contraste entre a informação proporcionada pelos artefactos líticos e pelas cerâmicas. Enquanto as matérias-primas daqueles acusam a exploração de recursos locais ou regionais, aquelas cerâmicas prefiguram influências, contactos, directos ou indirectos, de escala supra-regional.

Apesar do mau estado de conservação dos testemunhos recuperados, designadamente a nível de estruturas, que se identificaram apenas no sector II, o sítio e o contexto são compatíveis com um espaço de habitação. Neste sector os frustres alinhamentos pétreos e manchas de ocupação foram interpretados como vestígios de uma possível cabana onde decorreram determinadas actividades de manutenção, como a moagem e o processamento de cereais, a tecelagem ou a preparação de redes ou de outros mecanismos utilizados na pesca. É também admissível que aí se tivesse confeccionado e consumido alimentos atendendo às características de determinadas cerâmicas, como os potes, as taças e tigelas, não obstante o desconhecimento de estruturas de combustão.

Mas o lugar específico onde se localiza este espaço de habitação no contexto do povoado sugere uma escolha pautada por outras motivações. Recorde-se que foi ocupado um sítio liminar, diremos até perigoso, mesmo junto do rebordo da vertente setentrional do monte sobranceira ao Côa, antes dela cair a pique. A partir daqui são muito amplos os horizontes visuais e de controlo do território, devendo ser também assinalada a estreita proximidade com o rio Côa (figuras 3 e 5A), precisamente num dos pontos em que poderia ser atravessado a vau. Por outro lado, e numa perspectiva estritamente pragmática visando a protecção dos seus habitantes, tal parece não ter

sido considerado prioritário, uma vez que essa área encontra-se muito exposta e sujeita, pelo menos nos dias de hoje, a nortadas.

É deste espaço preciso que são provenientes as únicas cerâmicas de estilo Cogotas I recolhidas em Caria Talaia, cerâmicas cuja expressão numérica — no conjunto representam um mínimo de seis recipientes — e qualidade de fabrico lhes confere um estatuto de inequívoca excepcionalidade neste contexto particular. Essas cerâmicas poderão evocar outras acções distintas das correlacionadas com o consumo de comida ou bebida em resposta a necessidades de ordem meramente biológica, do dia-a-dia. A sua manipulação num cenário de índole ritual é perfeitamente admissível, em termos hipotéticos, e em nada incompatível com a domesticidade subjacente a lugares de habitação como este, presumivelmente polivalentes e onde potenciais metamorfoses cénicas dariam espaço a encontros entre o «sagrado e o profano» (Vilaça, 1999: 175-176). Tal como também não é de descartar a hipótese dessa manipulação ter sido operada envolvendo, para além de recipientes, também fragmentos, entendidos como relíquias, *i.e.* mantendo a ancestral simbologia desta categoria de cerâmicas, que perduraria justamente através do fragmento e não já, ou não só, do recipiente (Blanco González, 2015: 48-50; 2018: 32).

Caria Talaia faz parte de cerca de uma vintena de sítios da Beira Interior (figura 25) com cerâmicas de âmbito proto-Cogotas e Cogotas I (aqui registados sem preocupação de exaustividade), cerâmicas quase sempre presentes em quantidades residuais, ou muitíssimo residuais, e cuja cronologia precisa nem sempre é possível determinar. Este constrangimento decorre da conjugação de vários achados sem contextos conhecidos, correspondendo a recolhas de superfície, bem como às limitações inerentes a certas cerâmicas decoradas do mundo de Cogotas I (*v.g.* incisões e puncionamentos com espigas), cuja perduração ao longo do II milénio a. C. foi há muito reconhecida por diversos investigadores. São cerâmicas de notável resistência ao devir do tempo. Acresce que a bibliografia é por vezes bastante lacónica e sem representação figurativa das cerâmicas, pelo que nem sempre transparece o tipo concreto a que os autores se referem, se são simples espigas incisas, boquique, «líneas cosidas», excisão, etc.

Variadíssimos sítios contam com um, dois, três fragmentos (*v.g.* Castelo Mau, Castelo do Sabugal, Eiras), alguns, muito poucos, podem superar pouco mais das três dezenas de exemplares (*v.g.* Castelo Velho de Freixo de Numão), mas só um caso atinge cerca de sete dezenas (Vilar Maior). Mas todos eles sempre com esta categoria de cerâmicas em percentagens muito baixas nos respectivos contextos, residuais até, situação que, só por si, afastaria qualquer ideia compatível com um processo de «cogotização», como também foi dito.

O que a figura 25 demonstra, e que completa outras anteriores (Vilaça, 2005: fig. 1; Pernardas *et alii*, 2016: fig. 2), é uma distribuição disseminada dessas cerâmicas pelo território beirão, em concreto a norte da Cordilheira Central Ibérica, aqui correspondendo à serra da Malcata (apenas dois registos conhecidos a sul), disseminação que não exclui pontos muito concretos alinhados com o percurso do Côa. Mas revela também uma particular concentração de achados nas regiões do Alto e do Baixo Côa, concentração entendível, à luz do histórico das investigações, por serem as zonas mais intensamente prospectadas e trabalhadas, não nos parecendo prudente avançar neste momento com outras hipóteses de carácter cultural que expliquem essa realidade do conhecimento.

Por outro lado, e alargando o olhar para nascente, deve ser referido que esta imagem transmitida cartograficamente encontra-se desfocada porque não incorpora os registos, é certo, esporádicos, entre a fronteira política e o rio Águeda a sul do paralelo da serra da Marofa. Este quase vazio na zona raiana de ambos os países dever-se-á, pelo menos em parte, estamos convencidos, a um défice de prospecções, mas poderá também consubstanciar uma vertente cultural ainda não perfeitamente compreendida. Com efeito, as obras que se têm debruçado sobre o povoamento de Cogotas I nesta região (*v.g.* Álvarez-Sanchís, 1999; López Jiménez, 2011) só esporadicamente assinalam, ou não assinalam mesmo, registos de cerâmicas deste mundo, os quais ocorrem só para oriente, *i.e.* na «zona nuclear» de Abarquero Moras (2005).

É igualmente importante mencionar que dos pontos assinalados no mapa não pode ser inferido qualquer quadro de homogeneidade quanto à

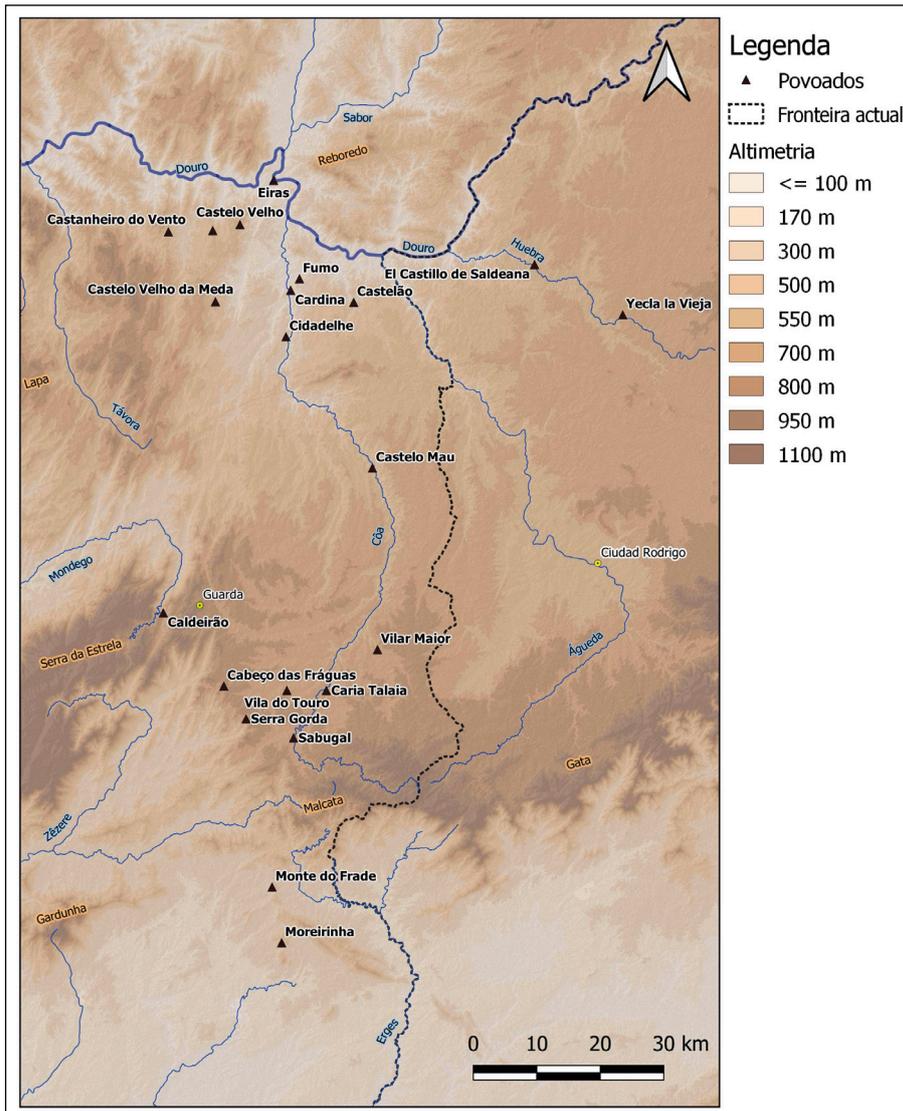


Figura 25. Distribuição de cerâmicas de âmbito proto-Cogotas e Cogotas I na Beira Interior e área da fronteira política (registo não exaustivo)

Figure 25. Proto Cogotas and Cogotas I pottery distribution along the Beira Interior region and the border between Portugal and Spain (non-extensive record)

natureza dos testemunhos e sua moldura cultural. Para além de aspectos já antes mencionados, como o da distensão cronológica, que pode cobrir vários séculos do II milénio a. C., tal como o da quantificação extremamente variável das cerâmicas por estação, o que subjaz são sítios com implantação bem diversa do ponto de tipo topográfico e de enquadramento paisagístico.

Contam-se lugares de altura bem destacados, como Caria Talaia, outros em áreas planálticas, mas também de planície e em terraços, uns cercados com dispositivos artificiais de defesa, outros abertos, e ainda abrigos naturais sob rocha. O tipo de

assentamento, de natureza e escala variável, as distintas economias comunitárias, consoante os recursos e ecossistemas explorados, ou a diferenciação cronológica são alguns dos aspectos que não poderão ter deixado de se repercutir também ao nível da organização e integração social das distintas comunidades que manipularam em distintos tempos e espaços uma mesma categoria de cerâmicas. São elas, e o seu estilo, o lastro comum. Ou, dito de outro modo, aqueles são sítios com materiais cerâmicos de tipo Cogotas I (e proto-Cogotas) de que não transparece, nem seria necessário que transparecesse, qualquer significado unitário do ponto de vista cultural.

O tipo de contextos e de sítios aponta para a existência de grupos humanos organizados de forma diferenciada e com graus de mobilidade também variáveis. Sem ser possível neste momento aferir os seus contornos, é manifesto que os distintos grupos humanos que manipularam esta categoria de cerâmicas não teriam um carácter predominantemente de pendor itinerante ou semi-itinerante. Pelo contrário, as suas expressões materiais vinculam-se, pelo menos em muitos casos, a sítios plenamente sedentarizados e alguns habitados durante algumas centenas de anos.

Mas daí não decorre qualquer fechamento da região sobre si mesma ou imobilidade dos seus habitantes. Os dados denunciam que se desenvolveram contactos multidireccionais de forma muito expressiva entre os últimos séculos do II milénio a. C. e os inícios do seguinte (e por este adiante) de que resultou um processo de centrifugação culturalmente multifacetado (Vilaça, 2005: 21). Esse processo terá feito o seu caminho pelo menos ainda durante boa parte do II milénio a. C., caminho que estabeleceu pontes e a que não terão sido alheios nem uma região marcada pela confluência das bacias de dois dos principais rios ibéricos — o Douro e o Tejo —, nem a fácil circulação através do seu território — com «corredores naturais de passagem» —, nem a riqueza e diversidade dos seus recursos minerais — estaníferos e auríferos em especial — (Vilaça, 1995: 70, 411; 2005: 15).

Simultaneamente, estava em curso nesse II milénio a. C. um lento mas seguro processo de territorialização através de distintas estratégias das comunidades na forma de se apropriarem do espaço e dos seus recursos, ou de se «identificarem com», protegendo-os também, real ou conceptualmente. Parecem ter sido justamente os recursos minerais e o metal enquanto bens de prestígio a assumirem papel estratégico, de que se evidenciam, por exemplo, determinadas deposições como as espadas de Castelo Bom, argárica, e de Vilar Maior, pistiliforme. Espadas também simbolicamente presentes em marcadores espaciais comunitários de elite, perenes e com «memórias», que encontramos nas estelas e estátuas-menires do território beirão, como as de Ataúdes (Figueira de Castelo Rodrigo) (Vilaça *et alii*, 2001), de Corgas (Fundão) (Banha *et alii*, 2009), ou de Baraçal (Sabugal) (Santos *et alii*, 2011).

Entre aquelas pontes que se foram estabelecendo tem particular relevância, no contexto específico deste trabalho, a que aproximou a Meseta e a Beira Interior, numa relação pautada não só apenas pela presumível permuta de bens (a cerâmica, o metal?), mas também pela partilha de outros elementos simbólicos e imateriais.

No modelo proposto por Abarquero Moras para o mundo de Cogotas I, com a definição de uma zona nuclear, uma zona de contacto e uma periferia, é esta última a situação compatível com a Beira Interior (Abarquero Moras, 2005: 105 e segs., fig. 20; 2012). Essa situação, que achados posteriores como os que ora se publicam ou registam (figura 25) tendem a esbater, não será completamente entendível sem a compreensão do que se passou na zona raiana espanhola onde, aliás, aquele modelo deixa em aberto qualquer linha definidora de uma zona de contacto.

Trata-se de uma área aparentemente semi-vazia a ocidente do rio Yeltes e alcançando o Águeda, uma «terra (quase) de ninguém», que confere à região da Beira Interior, e muito em especial ao território da bacia do Côa, um estatuto de alguma autonomia, como se de uma «bolsa», porosa, se tratasse. Se os contactos e os mecanismos de troca entre estas regiões parecem ter sido uma realidade, também é provável que estes terão sido muito diversos, deixando um rasto pouco compatível com um processo de «avanço» homogéneo através do território. O conhecimento mais apurado da sua dimensão e perfil cultural exige que se prossiga a investigação em ambos os lados da fronteira política.

Agradecimentos

Este trabalho contou com a colaboração de diversas pessoas/ instituições, a quem devemos expressar o nosso agradecimento:

Ao Mestre Paulo Pernadas (Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal), pela colaboração nos trabalhos de campo.

À Mestre Sara Almeida (Doutoranda de Arqueologia na Universidade de Coimbra), autora da maior parte dos desenhos dos materiais.

Ao Dr. José Luís Madeira (Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes – FLUC), pelo apoio no tratamento de imagens.

À Doutora Lídia Catarino (Departamento de Ciências da Terra, UC), pela ajuda na identificação das matérias-primas dos artefactos líticos.

Ao Doutor Ignacio Montero-Ruiz (CSIC-Madrid), pela disponibilidade na realização das análises ao fragmento metálico.

Ao Dr. António Carvalho, Director do Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), pela autorização da consulta do «Epistolário de Leite de Vasconcelos».

Carlo Bottaini agradece ainda à Fundação para a Ciência e a Tecnologia através do Projecto UIDB/04449/2020 (Laboratório HERCULES/ Universidade de Évora).

Bibliografia

- Abarquero Moras, J.A. (2005): *Cogotas I: la difusión de un tipo cerámico durante la Edad del Bronce*. Arqueología en Castilla y León Monografías, 4. Valladolid.
- Abarquero Moras, J.A. (2012): “Cogotas I más allá del territorio nuclear. Viajes, bodas, banquetes y regalos en la Edad del Bronce Peninsular”. Em J.A. Rodríguez Marcos e J. Fernández Manzano (eds.): *Cogotas I. Una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*. Universidad de Valladolid. Valladolid: 59-110.
- Abarquero Moras, J.A. e Delibes de Castro, G. (2009): “La posición cronológica del yacimiento prehistórico de ‘El Pelambre’: Apreciaciones tipológicas y dataciones absolutas”. Em M.L. González Fernández (ed.): *El Pelambre, Villaornate, León. El Horizonte Cogotas I de la Edad del Bronce y el período tardoantiguo en el valle medio del Esla*. Grupo TRAGSA. León: 197-214.
- Abarquero Moras, J.A., Delibes de Castro, G. e González Fernández, M.L. (2009): “La colección cerámica de la Edad del Bronce: Formas, decoraciones y pastas”. Em M.L. González Fernández (ed.): *El Pelambre, Villaornate, León. El Horizonte Cogotas I de la Edad del Bronce y el período tardoantiguo en el valle medio del Esla*. Grupo TRAGSA. León: 87-190.
- Abarquero Moras, J.A., Guerra Doce, E., Delibes de Castro, G., Palomino Lázaro, A. e Val Recio, J. (2012): *Arqueología de la Sal en las Lagunas de Villafáfila (Zamora): Investigaciones sobre los cederos pre-históricos*. Arqueología en Castilla y León Monografías 9. Valladolid.
- Álvarez-Sanchís, J. (1999): *Los Vettones*. Bibliotheca Archaeologica Hispana, 1. Real Academia de la Historia. Madrid.
- Banha, C., Veiga, A. e Ferro, S. (2009): “A estátua-menir de Corgas (Donas, Fundão. Contributo para o estudo da Idade do Bronze da Beira Interior”. *Açafa on-line*, 2: 2-16.
- Blanco García, J.F. (2012): “El Calcolítico y la Edad del Bronce en Coca (Segovia)”. *Lucentum*, XXXI: 15-30. <https://doi.org/10.14198/LVCENTVM2012.31.02>
- Blanco González, A. (2015): “Emulación decorativa y cerámicas ancestrales. Posibles fuentes de inspiración de las alfareras meseteñas de la Edad del Bronce”. *Zephyrus*, LXXVI: 39-56. <https://doi.org/10.14201/zephyrus2015763956>
- Blanco González, A. (2018): “Copying from sherds. Creativity in Bronze Age Pottery in Central Iberia (1800-1150 BC)”. Em J. Sofaer (ed.): *Considering Creativity. Creativity, Knowledge and Practice in Bronze Age Europe*. Archaeopress Archaeology. Oxford: 19-38, <https://doi.org/10.2307/j.ctvndv8rw.7>.
- Blasco Bosqued, C. (2012): “Cogotas I en la Meseta Española”. Em J.A. Rodríguez Marcos e J. Fernández Manzano (eds.): *Cogotas I. Una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*. Universidad de Valladolid. Valladolid: 187-218.
- C.L. (1913): “Aquisições do Museu Etnológico Português”. *O Arqueólogo Português*, XVIII, (1ª Série), 7-12: 131-168.
- Canha, A., Henriques, F., Rosa, S. e António, T. (2018): “O sítio de Eira (Vila Nova de Foz Côa)”. *Actas de las VI Jornadas de Arqueología en el valle del Duero. Del Paleolítico a la Edad Media*. Glyphos publicaciones. Valladolid: 181-190.

- Cardoso, J.M. (2014): “A Idade do Bronze no Alto Douro Português: os discursos possíveis”. *A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. Antropo Monográfica, 1. Tomar: 103-145.
- Carneiro, A. (2011): “As cerâmicas do terceiro e segundo milénios a.C. de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)”. *Actas do V Congresso de Arqueologia do Interior Norte e Centro de Portugal*. Porto: 187-218.
- Carvalho, A.F. (2004): “O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7 (1): 185-219.
- Castro, J.O. da G. (1902): *Diocese e Distrito da Guarda*. Porto.
- Comendador Rey, B., Reboreda-Morillo, S., Kockelmann, W., Macdonald, M., Bell, T., Pantos, M. (2012): “Early bronze technology at the land’s end in north western Iberia”. Em S.A. Paipetis (ed.): *Science and Technology in Homeric Epics. History of Mechanism and Machine Science*. History of Mechanism and Machine Science 6. Springer. New York: 113-138. https://doi.org/10.1007/978-1-4020-8784-4_9
- Correia, J.M. (1906): “Antiguidades do Concelho do Sabugal”. *O Archeologo Português*, XI (5-8): 129-135.
- Correia, J.M. (1946): *Terras de Riba-Côa. Memórias sobre o Concelho do Sabugal*. Sabugal.
- Esparza Arroyo, A., Velasco Vázquez, J., Delibes de Castro, G.: “HUM2005-00139: Planteamiento y Primeros Resultados de un Proyecto de Investigación sobre la Muerte en Cogotas I”. Em J.A. Rodríguez Marcos e J. Fernández Manzano (eds.): *Cogotas I. Una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*. Universidad de Valladolid. Valladolid: 259-320.
- Fabián García, J.F. (2012): “Proto-Cogotas I en el Suroeste de la Meseta Norte. Dos facies alfareras en territorios inmediatos”. Em J.A. Rodríguez Marcos e J. Fernández Manzano (eds.): *Cogotas I. Una cultura de la Edad del Bronce en la Península*. Universidad de Valladolid. Valladolid: 323-348.
- Fernandes, D. (2016): “O Castro do Cabeço da Argemela (Lavacolhos, Fundão). Uma abordagem à realidade material e o contributo para o seu enquadramento cultural e regional”. Em R. Vilaça (ed.): *II Congresso Internacional de Arqueologia da região de Castelo Branco*. SAMFTPJ. RvjEditores. Castelo Branco: 201-216.
- Fernández Manzano, J. e Herrán Martínez, J.I (2012): “La metalurgia de Cogotas I”. Em J.A. Rodríguez Marcos e J. Fernández Manzano (eds.): *Cogotas I. Una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*. Universidad de Valladolid. Valladolid: 39-57.
- Fernández-Posse, M.D. (1980): *El Final de la Edad del Bronce en la Meseta Norte: la Cultura de Cogotas I*. 2 vols. Tesis doctoral, policopiada. Universidad de Granada.
- Fernández-Posse, M.D. (1987): “La cerámica decorada de Cogotas I”. *Zephyrus*, 39-40 [1986-1987]: 231-237.
- Gaspar, R., Carrondo, J., Nobre, L. Rodrigues, Z. e Donoso, G. (2014): “Espaços para morte. O terraço da foz do Medal (Vale do Sabor, Nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze”. *Estudos do Quaternário*, 10: 59-72, <https://doi.org/10.30893/eq.voio.83>
- Herrán Martínez, J.I. (2008): *Arqueometalurgia de la Edad del Bronce en Castilla y León*. Studia Archaeologica, 95. Valladolid.
- Jimeno Martínez, A. (1984): *Los Tolmos de Caracena (Soria). Campañas de 1977, 1978 y 1979. Nuevas bases para el estudio de la Edad del Bronce en el Alto Duero*. Excavaciones Arqueológicas en España, 134. Madrid.
- López Jiménez, O. (2011): “El Bronce Final en el Occidente de la Meseta Norte: Hábitat paisajes y estructuras sociales”. *Actas del I Congreso de Arqueología de Chamartín (Ávila). Los Vínculos entre el Hábitat y el Paisaje*. La Ergástula ediciones. Madrid: 81-93.
- Luís, E. (2013): “Dinâmicas de interação cultural no bronze médio – a cerâmica decorada do sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) como estudo de caso”. *Arqueologia em Portugal, 150 anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 573-579.
- Luís, E. (2015): *Mudança e transformação. Calcolítico, Bronze Inicial e Bronze Médio em Trás-os-Montes Oriental*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.

- Martín Vela, R., Pérez Díaz, S. e López Saéz, J.A. (2019): “Una perspectiva paleoambiental de la transición Bronce-Medio Final al Hierro I en la Meseta Norte a través de sus contextos habitacionales: el castro de la Peña del Moro (Navas de Oro, Segovia)”. *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior Peninsular*, 8: 31-50.
- Mederos, A. (2012): “El final de Cogotas I y los inicios de la edad del Hierro en el Centro de la Península Ibérica (1200-800 a.C.)”. *El Primer Milenio a.C. en la Meseta Central. De la longhouse al oppidum*. AUDEMA. Madrid: 75-107.
- Osório, M. (2005): “Contributos para o estudo do I milénio a.C. no Alto Côa”. *Lusitanos e Romanos no nordeste da Lusitânia. Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior*. Centro de Estudos Ibéricos. Guarda: 35-65.
- Osório, M. (2008): “Pré-História. Proto-história. Peças arqueológicas”. *Museu do Sabugal, Coleção Arqueológica*. Sabugal: 26-35; 52-69.
- Osório, M. (2010): “Sabugal Velho e Caria Talaia – duas morfologias de povoamento, a mesma cronologia”. *Sabucal*, 2: 61-78.
- Osório, M. e Vilaça, R. (2012): *Relatório da intervenção arqueológica em Caria Talaia, Ruvina, Sabugal (2008-2009)*. Coimbra/ Sabugal (policopiado).
- Pavón Soldevilla, I. (1998): *El Cerro del Castillo de Alange (Badajoz). Intervenciones arqueológicas (1993)*. Memorias de Arqueología Extremeña, 1. Mérida.
- Pereira, L. (1999): *As cerâmicas “Cogeces” de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Seu enquadramento peninsular*. Dissertação de Mestrado policopiada. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Perestrelo, M.S. (2000): “O povoado do Caldeirão – subsídios para o estudo do Bronze Final na região da Guarda”. *Beira Interior – História e Património, Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: 51-96.
- Perestrelo, M.S. (2001): “A Idade do Bronze no Castelo dos Mouros de Cidadelhe (Pinhel)”. *Estudos Pré-históricos*, IX: 133-142.
- Perestrelo, M.S. (2003): *A Romanização na bacia do rio Côa*. Parque Arqueológico do Vale do Côa. Lisboa.
- Pernadas, P., Osório, M. e Vilaça, R. (2016): “Cerâmicas de tipo Cogotas I de Vilar Maior (Sabugal, Portugal)”. Em R. Vilaça (ed.): *II Congresso Internacional de Arqueologia da região de Castelo Branco*, SAMFTPJ. RvjEditores. Castelo Branco: 189-200.
- Pina, F. (2017): “Cabeço da Senhora das Preces (Ruvina): medidas compensatórias de minimização e sondagens arqueológicas (2018)”. *Sabucal*, 9: 55-62.
- Rodríguez Marcos, J.A. (2005): *Estudio Secuencial de la Edad del Bronce en la Ribera del Duero (Provincia de Valladolid)*. Tesis doctoral. Universidad de Valladolid.
- Rodríguez Marcos, J.A. (2012): “Algunas notas acerca del proceso formativo de la cultura de Cogotas I”. Em J.A. Rodríguez Marcos e J. Fernández Manzano (eds.): *Cogotas I. Una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*. Universidad de Valladolid: 147-164.
- Santos, A.T., Vilaça, R., Marques, J.N. (2011): “As estelas do Baraçal, Sabugal (Beira Interior, Portugal)”. Em R. Vilaça (ed.): *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Câmara Municipal do Sabugal/CEAUCP/Instituto de Arqueologia. Sabugal: 319-342.
- Senna-Martinez, J.C. (1993): “A ocupação do Bronze Pleno da ‘Sala 20’ do Buraco da Moura de São Romão”. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1: 55-75.
- Senna-Martinez, J.C., Luís, E., Araújo, M.F., Silva, R., Figueiredo, E. e Valério, P. (2011): “First bronzes of North-West Iberia: The data from Fraga dos Corvos habitat site”. Em C. Martins, A. Bettencourt, J. Martins e J. Carvalho (eds.): *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. CITCEM. Braga: 377-390.
- Valério, P., Soares, A.M., Araújo, M.F., Silva, R., Porfírio, E. e Serra, M. (2014): “Arsenical copper and bronze in Middle Bronze Age burial sites of southern Portugal: the first bronzes in Southwestern Iberia”. *Journal of Archaeological Science*, 42: 68-80, <https://doi.org/10.1016/j.jas.2013.10.039>
- Varela, A.M. (2000): *As cerâmicas do Bronze Inicial e Médio do Castelo Velho do Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa)*. Tese de Mestrado policopiada. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- Vilaça, R. (1995): *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*, 2 vols. Trabalhos de Arqueologia, 9. Lisboa.
- Vilaça, R. (1999): "Some comments on the archaeological heritage of the Late Bronze Age in Beira Interior". *Journal of Iberian Archaeology*, 1: 173-184.
- Vilaça, R. (2005): "Entre Douro e Tejo, por terras do interior: o I milénio a. C". *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia. Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior*. Centro de Estudos Ibéricos. Guarda: 13-32.
- Vilaça, R. (2008): "A Proto-história no Museu do Sabugal". *Museu do Sabugal, Coleção Arqueológica*. Sabugal: 39-51.
- Vilaça, R., Cruz, D.J., Santos, A.T. e Marques, J.N. (2001): "A estátua-menir de 'Ataúdes' (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda) no seu contexto regional". *Estudos Pré-históricos*, 9: 69-82.
- Vilaça, R., Osório, M. e Ferreira, M. (2004): "Nem sempre o que parece, é. Um caso de etnoarqueologia na Serra Gorda (Águas Belas, Sabugal, Guarda)". *Norba, Revista de História*, 17: 137-156.